

De Par em Par na U.Porto

Relatório Final

João Pedro Pêgo, Ana Mouraz

[7 de Setembro de 2011]

RESUMO

["De Par em Par na U.Porto" é o programa de observação de aulas em parceria da Universidade do Porto realizado no ano letivo 2010/2011. Trata-se de uma ação de formação multidisciplinar, voluntária e de confidencialidade garantida que envolveu 60 docentes de 11 Unidades Orgânicas da U.Porto.

O funcionamento do programa de observação de aulas teve por base a formação de quartetos de docentes que são simultaneamente observadores e observados. A observação de aulas consistiu no preenchimento presencial de uma grelha de observação, seguida de discussão da observação pelos Observadores e o Observado. A observação de aulas recorre à confiança do docente observado perante os seus pares para obter uma observação da sua prática pedagógica e aumentar a sua sensibilidade pedagógica, tanto na posição de observado como na de observador. O modelo que foi implementado na Universidade do Porto destaca-se pela multidisciplinaridade resultante da interação de observadores/observados de diferentes Unidades Orgânicas (UO) da U.Porto.

As grelhas de observação preenchidas foram analisadas estatisticamente nos campos de preenchimento com escala de valores e qualitativamente nos campos de preenchimento livre. Os resultados apontam para elevadas competências pedagógicas dos docentes participantes, salientando-se a preocupação generalizada dos mesmos no envolvimento dos estudantes no processo de ensino-aprendizagem e a abertura para melhorias a nível pedagógico, resultantes das novas tecnologias.

Conclui-se estarem reunidas as condições para a implementação sistemática de um programa de observação de aulas na Universidade do Porto.]

Índice

1.	Introdução	3
2.	Programa de Observação de Aulas em Parceria	4
2.1.	Modelo Organizativo	4
2.2.	Observação de Aulas em Parceria.....	5
2.2.1.	Quartetos de Observação	5
2.2.2.	Esquema Temporal.....	5
2.2.3.	Grelha de Observação	6
2.3.	Programa de Trabalhos	8
3.	Execução e Operacionalização	10
3.1.	Consulta às Unidades Orgânicas	10
3.2.	Interlocutores das Unidades Orgânicas	11
3.3.	Central de Observação	11
3.4.	Divulgação do Programa	11
3.5.	Duetos de Docentes	12
3.6.	Formação de Quartetos	13
3.7.	Observação de Aulas	14
3.8.	Recolha das Grelhas de Observação	14
3.9.	Sessão de Divulgação de Resultados.....	15
4.	Análise das Grelhas de Observação	17
4.1.	Análise Quantitativa	18
4.2.	Análise Qualitativa	32
4.3.	Conclusões da Análise dos Dados	48
5.	Desenvolvimentos Futuros.....	50
6.	Conclusões.....	51

ANEXOS

- A. Grelha de Observação
- B. Linha Temporal
- C. Lista de Perguntas Frequentes (FAQ)
- D. Material de Apoio
- E. Sessão de Apresentação de Resultados

Agradecimentos

Um programa de observação de aulas envolvendo 11 Unidades Orgânicas não seria possível sem a contribuição de muitos. A organização do “De Par em Par na U.Porto” gostaria de agradecer a todos os intervenientes a colaboração e apoio dados, que nos motivaram em todos os instantes.

Em especial, gostaríamos de agradecer o apoio da Reitoria, na pessoa da Vice-Reitora Professora Maria de Lurdes Correia Fernandes, cujo apoio pessoal e institucional foram essenciais ao arranque e prossecução do programa.

O envolvimento e apoio dos Presidentes de Conselho de Pedagógico e dos Interlocutores das Unidades Orgânicas foram essenciais para o sucesso desta edição, pelo que igualmente lhes agradecemos todo o apoio e colaboração na divulgação, promoção e execução do programa.

A organização do “De Par em Par na U.Porto” não seria a mesma sem o apoio da Mestre Daniela Pinto, a Professora Amélia Lopes e o Professor José Martins Ferreira, a quem deixamos o nosso encarecido obrigado.

Finalmente, deixamos o nosso agradecimento pessoal a todos os docentes que aceitaram participar como Observadores/Observados. O “De Par em Par na U.Porto”, construído por docentes e para docentes, é o fruto da vossa abertura e do vosso empenho.

1. Introdução

Este relatório apresenta o projeto “De Par em Par na U.Porto”, programa de observação aulas em parceria da Universidade do Porto, sua operacionalização e resultados no segundo semestre do ano letivo 2010/2011. A observação de aulas em parceria proposta para aplicação na U.Porto tomou a forma de uma ação de formação multidisciplinar, voluntária e de confidencialidade garantida.

A observação de aulas baseada no conceito de amigo crítico (observação de pares) é comum em muitas universidades. O funcionamento do programa de observação de aulas teve por base a formação de quartetos de docentes que são simultaneamente observadores e observados. Recorreu à confiança do docente observado perante os seus pares para obter uma observação da sua prática pedagógica e aumentar a sua sensibilidade pedagógica, tanto na posição de observado como na de observador. O modelo que foi implementado na Universidade do Porto destaca-se pela multidisciplinaridade resultante da interação de observadores/observados de diferentes Unidades Orgânicas (UO) da U.Porto.

Este relatório está dividido em 6 capítulos e 5 anexos. O primeiro capítulo faz a introdução ao programa “De Par em Par na U.Porto”. O segundo capítulo apresenta o programa de observação de aulas, focando o seu modelo organizativo, o processo de observação de aulas e o programa de trabalho que foi proposto para a sua execução. No terceiro capítulo descreve-se a sua execução e operacionalização, focando os aspectos técnicos e logísticos que guiaram o programa ao longo do semestre de preparação e do semestre de execução. No quarto capítulo faz-se a análise das grelhas de observação que foram utilizadas durante a observação de aulas, focando-se a análise quantitativa dos campos de preenchimento com escala de valores e a análise qualitativa dos campos de preenchimento livre. No quinto capítulo são propostos desenvolvimentos futuros para o programa de observação de aulas. O sexto capítulo termina este relatório com as conclusões do mesmo.

2. Programa de Observação de Aulas em Parceria

O programa de observação de aulas em parceria “De Par em Par na U.Porto” foi apresentado na Reitoria em reunião de Presidentes de Conselho Pedagógico do dia 25 de Outubro de 2011, a convite da Vice-Reitora, Professora Maria de Lurdes Correia Fernandes. Fizeram a apresentação do programa o Professor José Ferreira Martins (FEUP/LEA), a Doutora Ana Mouraz (FPCEUP/LEA) e o Professor João Pedro Pêgo (FEUP/LEA), focando as anteriores edições da observação de aulas, os resultados e a expansão ao universo da Universidade do Porto, respetivamente.

A proposta de observação de aulas em parceria nas Unidades Orgânicas da Universidade do Porto teve como base o programa de observação de pares promovido pelo LEA e que foi realizado nos anos letivos 2008/09 e 2009/10, com a participação de docentes da Faculdade de Engenharia e Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. A experiência reunida ao longo de três edições entre a FEUP e a FPCEUP foi incorporada num modelo organizativo adequado à expansão a todas as Unidades Orgânicas da Universidade do Porto.

Este capítulo sumaria o planeamento que foi feito para o “De Par em Par na U.Porto”, estabelecendo os objetivos a atingir com a sua execução.

2.1. Modelo Organizativo

O modelo organizativo utilizado para gerir o “De Par em Par na U.Porto” foi dividido em três níveis, como exemplificado no organograma da Figura 1.

Num primeiro nível encontra-se o Coordenador Geral, auxiliado pela Central de Observação. O Coordenador Geral foi o responsável pelo planeamento, organização, gestão e execução do programa de observação de aulas, centralizando e agilizando a comunicação entre todos os intervenientes. A Central de Observação auxiliou o Coordenador Geral nas tarefas de gestão das observações, tratamento e análise dos resultados e divulgação do programa de observação de aulas.

Ao nível das Unidades Orgânicas foram nomeados os Interlocutores das UO, que foram os responsáveis dentro das suas instituições pela divulgação, promoção, do programa junto dos docentes, bem como do seu recrutamento e/ou seleção.

Finalmente, o terceiro nível foi constituído pelos docentes que se voluntariaram para o programa de observação de aulas, organizados em pares, ou duetos, de docentes da mesma Unidade Orgânica.

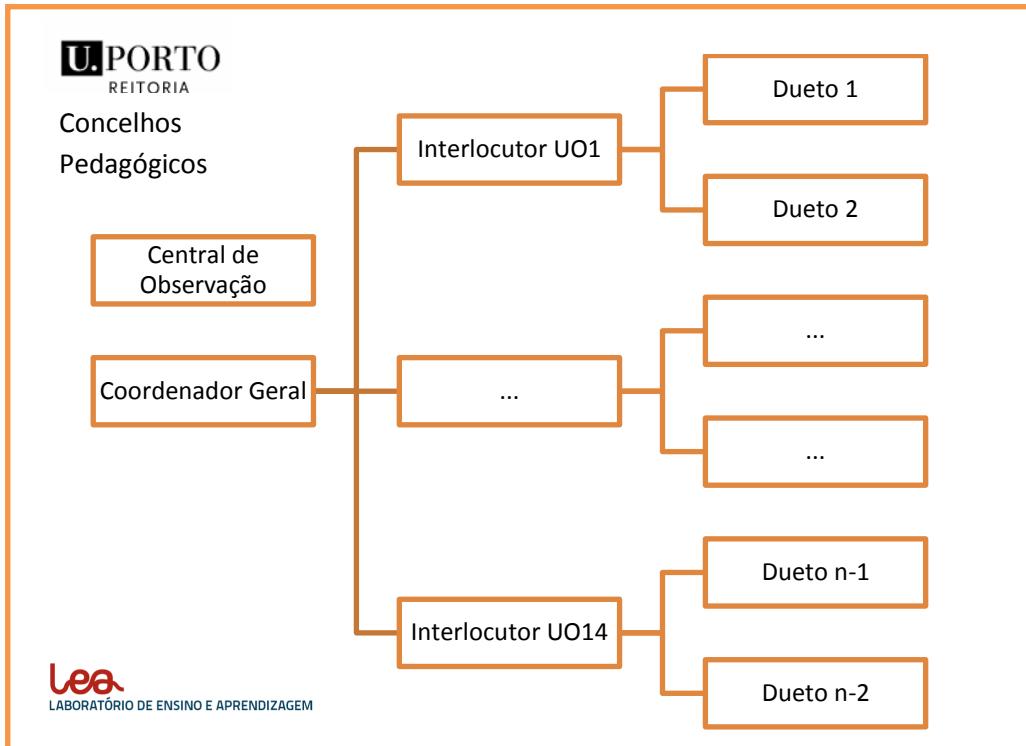


Figura 1 – Organograma

2.2. Observação de Aulas em Parceria

2.2.1. Quartetos de Observação

O modelo de observação de pares proposto tem como base fundamental um quarteto de observadores/observados composto por dois duetos de docentes, de diferentes Unidades Orgânicas (UO), como esquematizado na Tabela 1.

Tabela 1 - Quartetos de docentes

Local	Observado	Observador UO 1	Observador UO 2
UO 1	A	B	C
UO 1	B	A	D
UO 2	C	A	D
UO 2	D	B	C

O esquema de observações permite que cada docente seja simultaneamente observado e observador. As observações são feitas por dois observadores (um da própria UO do observado e outro da UO parceira), através do preenchimento de uma grelha de observação.

Em cada quarteto foi nomeado um coordenador que ficou encarregue de: a) promover e gerir a troca de informação entre os observadores/observados; b) organizar o calendário de observações e c) recolher as fichas de observação e reencaminhá-las, salvaguardando o anonimato dos docentes, à Central de Observação.

2.2.2. Esquema Temporal

A observação de aulas tem três momentos distintos em que observadores e observados se encontram: ANTES, DURANTE e DEPOIS das aulas observadas. ANTES o docente observado

transmite aos seus observadores (via email ou presencialmente) a informação necessária para contextualizar a observação (ficha de unidade curricular, integração no plano de estudos, características da turma, etc.). Durante a observação os observadores preenchem a ficha de observação anexa, que avalia as competências pedagógicas em cinco campos: organização, exposição, clima da turma, conteúdo e consciência e flexibilidade. Depois da aula observada (imediatamente a seguir, por exemplo), observado e observadores reúnem para avaliação os pontos fortes e fracos detetados na aula, propondo melhorias dos mesmos e promovendo a troca de experiências. Após conclusão das observações de aulas dos quartetos, as cópias das fichas de observação preenchidas e digitalizadas são enviadas à Central de Observação.

Tabela 2 - Esquema Temporal da Observação de Aulas

ANTES	DURANTE	DEPOIS
<p>Antes da aula, o docente informa os observadores sobre a aula a observar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ficha de unidade curricular • Integração da UC no semestre, curso ou curso • Condições da sala • Características da turma • Situação dos estudantes em termos de aprendizagem por relação com os objetivos da aula • Preocupações do/a docente 	<p>Durante a aula, os docentes observadores fazem registos apoiados pela grelha de observação e outros que considerem importantes.</p>	<p>Os observadores e observado conversam a seguir à aula para troca de impressões.</p> <p>Cada observador redige, na grelha de observação, uma reflexão sobre a aula, orientada pelas seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que me chama particularmente a atenção na aula? • Que perguntas gostaria de fazer ao/à meu/minha colega? • Que semelhanças ou diferenças encontro entre a prática observada e a minha própria prática? <p>Cada observador redige, na grelha de observação, uma apreciação sobre a reflexão final conjunta.</p>

2.2.3. Grelha de Observação

A grelha de observação utilizada foi adaptada das anteriores edições do programa de observação de pares que existiu entre a FEUP e a FPCEUP. A grelha, que se apresenta no Anexo A, é constituída por: cabeçalho; campos de observação e campos de reflexão.

No cabeçalho está previsto o preenchimento de um conjunto de campos que permitem melhor caracterizar os observadores e o observado, nomeadamente, se são da mesma Unidade Orgânica e qual o seu género (masculino/feminino). Inicialmente, pretendia-se que fossem identificadas as Unidades Orgânicas do Observador e Observado. No entanto, optou-se

limitar a informação recolhida à pertença ou não da mesma Unidade Orgânica, visto que em algumas Unidades Orgânicas o número de participantes era demasiado baixo para poder ser garantido anonimato dos inquéritos.

Nos campos de observação são colocados 20 itens de observação, organizados em cinco campos:

A. ORGANIZAÇÃO

1. Começa por sumariar brevemente o ponto de chegada da aula anterior
2. Identifica no início os principais objetivos da aula
3. Organiza a aula de maneira que a relação entre os objetivos e as atividades seja clara
4. Usa bem o tempo, realçando o que é mais importante e evitando digressões desnecessárias
5. Faz a aula com a discussão do trabalho realizado e/ou futuro

B. EXPOSIÇÃO

1. Fala de forma percepível, com volume suficiente e velocidade adequada
2. Usa lembretes de forma sóbria
3. Tem contacto visual com os estudantes ao longo da sala
4. Move-se pela sala e usa gestos e movimentos corporais adequadamente
5. Usa de forma efetiva o quadro, o projetor, material de apoio (e.g. textos) e audiovisuais

C. CLIMA DE TURMA

1. Encoraja uma atmosfera positiva de respeito mútuo
2. Mostra entusiasmo pelo assunto da aula e faz os estudantes quererem aprender
3. Encoraja e é responsável à participação dos estudantes
4. Faz notar ou aprecia a compreensão de conceitos ou mestria de habilidades dos estudantes

D. CONTEÚDO

1. Mostra que domina a matéria e/ou as competências a desenvolver
2. Cria expectativas que são simultaneamente razoáveis e desafiadoras
3. Encoraja o pensamento independente, crítico ou reflexivo

E. CONSCIÊNCIA E FLEXIBILIDADE

1. Comunica efetivamente ao nível dos estudantes particulares envolvidos
2. Pergunta ou usa outras estratégias para confirmar a compreensão do estudante

3. Muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada

Todos os itens são classificados na escala:

- Não cumpre
- Cumpre pouco/mal
- Cumpre
- Cumpre muito/bem
- Cumpre totalmente
- Não aplicável

Para cada conjunto de itens está disponibilizado um campo para outros registos de interesse que o observador considere interessantes para fundamentar as suas respostas.

Finalmente, nos campos de reflexão é disponibilizado espaço para outras considerações que o observador pretenda deixar para complementar a observação, bem com um campo para a apreciação sobre a reflexão final conjunta.

2.3. Programa de Trabalhos

O calendário proposto (ver a linha temporal no Anexo B) para a execução da Observação de Pares está apresentado na Tabela 3.

Tabela 3 - Calendário de etapas

Datas limite	Descrição
até 2010/11/12	Manifestação de interesse pelas UO, nomeando o seu interlocutor.
até 2010/12/10	Contacto dos interlocutores com o coordenador geral para transmissão do material de divulgação à Observação de Pares.
até 2011/01/14	Divulgação do programa de observação de pares pelos docentes das UO.
2011/01/17 a 2011/01/31	Escolha dos participantes e constituição dos duetos.
2011/01/31 a 2011/02/11	Constituição dos quartetos pelo coordenador geral.
2011/02/14 a 2011/03/11	Coordenadores de quarteto organizam calendário das aulas observadas e reúnem os docentes para o momento de contextualização da observação.
2011/03/14 a 2011/04/08	Observação das aulas.
2011/04/11 a 2011/04/29	Coordenadores de quarteto reúnem as cópias das fichas de observação preenchidas e reenviam para a central de observação.
2011/05/09 a 2011/06/03	Tratamento dos resultados e preparação do relatório final.
2011/06/06 a 2011/07/29	Divulgação dos resultados da observação pelas UO.

Após manifestação de interesse das Unidades Orgânicas em participar no “De Par em Par na U.Porto”, foram indicados os Interlocutores das UO, a quem foi transmitido o material de divulgação. Seguiu-se uma fase de divulgação do programa pelo corpo docente das UO envolvidas. Concluída a fase de recrutamento e seleção dos participantes foram formados os quartetos de docentes. A programação previa que as observações de aulas se iniciassem logo no arranque do segundo semestre do ano letivo 2010/11 e terminassem até à Queima das Fitas, momento a partir do qual a Central de Observação estaria em condições para fazer o tratamento estatístico das grelhas de observação e analisar os seus resultados. A divulgação dos resultados estava prevista para os meses de Junho e Julho de 2011.

3. Execução e Operacionalização

Este capítulo sumaria as atividades que foram desenvolvidas na execução e operacionalização do “De Par em Par na U.Porto”. Serão aqui focados os pontos que, pela sua importância, merecem um registo para futuros desenvolvimentos.

3.1.Consulta às Unidades Orgânicas

No seguimento da reunião de apresentação do programa de observação de aulas em parceria, foram contactados os Presidentes de Conselho Pedagógico das Unidades Orgânicas da U.Porto, com vista a aferir a disponibilidade e interesse em participarem. Das 14 Unidades Orgânicas da U.Porto as 11 que estão assinaladas na Tabela 4 manifestaram interesse em participar.

Tabela 4 - Unidades Orgânicas da U.Porto

Pólo I	Pólo II	Pólo III
F. Belas Artes ✓	F. C. da Nutrição e Alimentação✓	F. Arquitectura
F. Direito	F. Desporto ✓	F. Ciências ✓
F. Farmácia ✓	F. Economia ✓	F. Letras ✓
ICBAS	F. Engenharia ✓	
	F. Medicina ✓	
	F. Medicina Dentária ✓	
	F. Psicologia e C. da Educação ✓	

À altura de arranque do programa “De Par em Par na U.Porto” eram (Vice-) Presidente de Conselho Pedagógicos os Professores identificados na Tabela 5.

Tabela 5 - Presidentes de Conselho Pedagógico

Unidade Orgânica	Presidente de Conselho Pedagógico
Pólo I	
FBAUP	Professor José António Ramalheira Corujo Vaz
FDUP	Professor Paulo de Tarso da Cruz Domingues
FFUP	Professor Fernando Manuel Gomes Remião
ICBAS	Professora Corália Maria Fortuna de Brito Vicente
Pólo II	
FCNAUP	Professora Olívia Maria de Castro Pinho
FADEUP	Professor Rui Manuel Proença Campos Garcia
FEP	Professor Rui Alberto Ferreira dos Santos Alves
FEUP	Professor José Manuel Martins Ferreira
FMUP	Professora Maria Amélia Duarte Ferreira
FMDUP	Professora Maria Cristina Pinto Coelho Mendonça de Figueiredo Pollmann
FPCEUP	Professora Maria Amélia da Costa Lopes
Pólo III	
FAUP	Professora Anni Gunther Nonell
FCUP	Professora Maria do Rosário Machado Lema Sinde Pinto
FLUP	Professora Paula Maria de Carvalho Pinto Costa

3.2. Interlocutores das Unidades Orgânicas

Em acordo com o modelo organizativo, definido na secção 2.1, foram nomeados pelas Unidades Orgânicas participantes os Interlocutores de UO, que se listam na Tabela 6.

Tabela 6 – Interlocutores de Unidade Orgânica

Unidade Orgânica	Interlocutores das Unidades Orgânicas
Pólo I	
FBAUP	Professor José Carlos de Paiva e Silva
FDUP	<i>Não participou</i>
FFUP	Professora Isabel Maria Pinto Leite Viegas Oliveira Ferreira
ICBAS	<i>Não participou</i>
Pólo II	
FCNAUP	Professora Olívia Maria de Castro Pinho
FADEUP	Professora Maria Paula Monteiro Pinheiro da Silva
FEP	Professor Jorge Miguel Silva Valente
FEUP	Professora Cecília Alexandra Abreu Coelho da Rocha
FMUP	Doutora Ana Cristina Ferraz Machado de Freitas
FMDUP	Professora Maria Cristina Pinto Coelho Mendonça de Figueiredo Pollmann
FPCEUP	Professor Rui Eduardo Trindade Fernandes
Pólo III	
FAUP	<i>Não participou</i>
FCUP	Professora Ana Maria Melo Ventura Reis
FLUP	Professora Paula Maria de Carvalho Pinto Costa

3.3. Central de Observação

Tal como previsto no modelo organizativo, definido na secção 2.1, foi criada uma Central de Observação, constituída pelo Coordenador Geral e uma pequena equipa multidisciplinar, constituída pelas pessoas indicadas na Tabela 7.

Tabela 7 – Constituição da Central de Observação

Unidade Orgânica	Membro
FEUP	Professor João Pedro Gomes Moreira Pêgo
FPCEUP (LEA)	Doutora Ana Mouraz
FEUP (LEA)	Mestre Daniela Pinto
FEUP	Professor José Manuel Martins Ferreira
FPCEUP	Professora Maria Amélia da Costa Lopes participou

3.4. Divulgação do Programa

A divulgação do programa de observação de aulas em parceria pelos corpos docentes das várias Unidades Orgânicas ficou a cargo dos Interlocutores de UO. As formas de divulgação mais utilizadas foram o contato via email, contato pessoal e através de sessões de divulgação.

Durante os meses de novembro de 2010 a janeiro de 2011 foram realizadas várias sessões de divulgação, nas quais esteve presente o Coordenador Geral, que se listam na Tabela 8.

Tabela 8 – Sessões de Divulgação

Unidade Orgânica	Data
FDMUP	24-11-2010
FFUP	05-01-2011
FEP	12-01-2011
FCNAUP	18-01-2011
FEUP	25-01-2011

Na sequência das muitas dúvidas que foram sendo colocadas nas sessões de divulgação foi preparada uma lista de perguntas frequentes (FAQ, na sigla inglesa), com vista a mais facilmente esclarecer os potenciais participantes dos objetivos e procedimentos. A última versão da FAQ está disponibilizada no Anexo C.

3.5. Duetos de Docentes

A divulgação do “De Par em Par na U.Porto” foi acolhida no seio da comunidade docente da U.Porto com bastante aceitação e interesse, o que resultou numa número elevado de participantes inscritos. A Tabela 9 apresenta o número de participantes por Unidade Orgânica, que totalizam 61 docentes.

Tabela 9 – Número de participantes por Unidade Orgânica

Unidade Orgânica	Número de Participantes
Pólo I	
FBAUP	1
FDUP	<i>Não participou</i>
FFUP	8
ICBAS	<i>Não participou</i>
Pólo II	
FCNAUP	2
FADEUP	2
FEP	12
FEUP	12
FMUP	2
FMDUP	8
FPCEUP	4
Pólo III	
FAUP	<i>Não participou</i>
FCUP	4
FLUP	6

Na Faculdade de Belas-Artes somente um docente se mostrou interessado em participar no programa de observação de aulas em parceria. Tendo em atenção a que o programa está preparado para que os quartetos de observadores/observados sejam constituídos por duetos de docentes da mesma UO e que o número de participantes só permitiria constituir 15 quartetos, foi decidido não incluir a FBAUP nesta edição do “De Par em Par na U.Porto”. A decisão foi tomada após grande esforço do Coordenador Geral para procurar alternativas que evitassem esta exclusão, que se lamenta.

3.6. Formação de Quartetos

Após recolha da lista de participantes, o Coordenador Geral procedeu à formação dos Quartetos de Observação, de acordo com o previsto na subsecção 2.2.1. A formação dos quartetos, não sendo aleatória, tentou criar uma distribuição homogénea em termos de distribuição espacial e emparelhamento das Unidades Orgânicas.

Tendo em atenção a experiência anterior dos participantes oriundos da Faculdade de Engenharia e da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, tomou-se como ideal que, em cada quarteto, houvesse participantes destas duas Unidades Orgânicas. Tal não foi possível, dado que o número de participantes das outras Unidades Orgânicas era muito elevado.

Mediante as disponibilidades de participantes listadas na Tabela 9, foram organizados os quartetos que se apresentam na Tabela 10 e cujo emparelhamento obedeceu aos seguintes critérios:

1. Cada emparelhamento entre Unidades Orgânicas é único;
2. Minimizou-se as deslocações;
3. Membros da FEUP e da FPCEUP coordenam os quartetos em que estão inseridos;
4. De cada uma das outras UO há um Coordenador de Quarteto, se possível.

Tabela 10 - Emparelhamento dos Duetos

		Unidade Orgânica									
		FPCEUP	FMUP	FMDUP	FLUP	FFUP	FEUP	FEP	FCUP	FCNAUP	FADEUP
Unidade Orgânica	FADEUP						X				
	FCNAUP							X			
	FCUP				X	X					
	FEP	X		X	X	X	X				
	FEUP		X	X	X	X					
	FFUP			X							
	FLUP										
	FMDUP	X									
	FMUP										
	FPCEUP										

3.7. Observação de Aulas

O período de observação de aulas decorreu de acordo com o previsto, tendo-se iniciado na segunda semana do segundo semestre e terminado no final de Maio. O prolongamento do prazo de entrega das grelhas de observação deveu-se à dificuldade de alguns grupos encontrarem horários compatíveis para as observações e também por o processo de recolha das grelhas ter sido acelerado através de uma interface via internet, que é apresentada na secção 3.8.

Estavam previstas 60 observações, número idêntico ao de participantes. Das 60 observações previstas, foram realizadas 54, correspondendo a uma taxa de 90%. Num dos grupos não foi possível realizar duas das observações, já que se trataram de práticas clínicas.

Das 108 grelhas de observação que foram preenchidas nas 54 observações, foram recolhidas 95, correspondendo a uma taxa de 89%. Estes resultados espelham um o elevado grau de interesse e participação dos docentes no “De Par em Par na U.Porto”.

Com o objetivo de agilizar os processos de gestão e comunicação internos aos quartetos e às Unidades Orgânicas, foram preparados dois guias de apoio, dirigidos aos Coordenadores de Quarteto e aos Interlocutores de UO. Estes guias sumariam, numa página A4, as tarefas destes participantes e lembram as datas mais importantes e prazos a cumprir. Os guias são apresentados no Anexo D.

3.8. Recolha das Grelhas de Observação

A recolha das grelhas de observação foi realizada por dois métodos: via inquérito online e através do envio das grelhas de observação digitalizadas por *email*.

O envio via inquérito *online* foi feito através de uma plataforma de inquéritos (*limesurvey*) que reproduziu fielmente a grelha de observação, como se mostra na Figura 2. Esta forma de recolha das grelhas de observação foi muito bem acolhida junto dos participantes, tendo-se revelado muito vantajosa do ponto de vista do processamento dos resultados, já que não houve necessidade de introduzir para um computador, manualmente, as respostas das grelhas de observação digitalizadas.

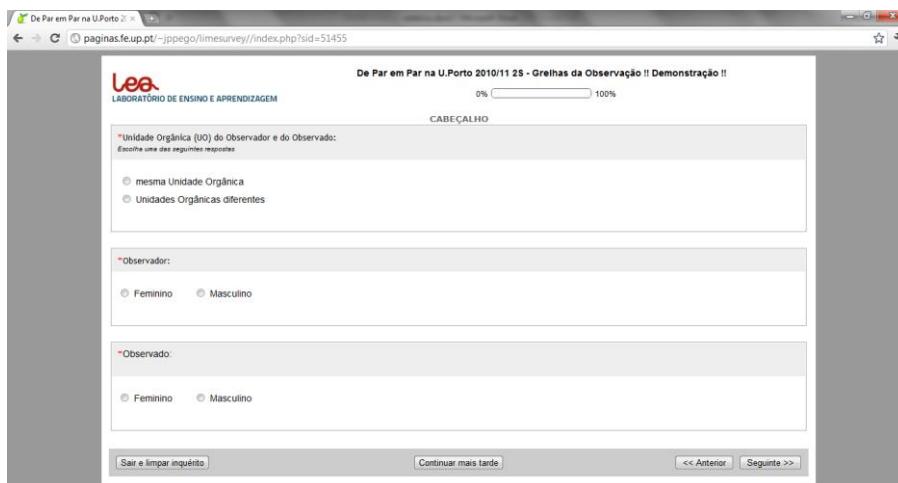


Figura 2- Inquérito na plataforma *limesurvey*

Foi criado um inquérito *online* por cada observação que os participantes fizeram (uma na própria UO e outra na UO parceira). Tal revelou-se desvantajoso do ponto de vista de processamento de dados, já que não foi possível cruzar os resultados de ambos os inquéritos.

Paralelamente à recolha via internet, foi feita a recolha da forma inicialmente prevista, ou seja, por envio das grelhas de observação digitalizadas por *email*. Tal medida foi tomada por questões de segurança, já que a eficácia do inquérito *online* ainda não estava comprovada.

3.9. Sessão de Divulgação de Resultados

Finalizado o período de observações de aulas, foi realizada uma sessão de apresentação de resultados com o objetivo de reunir os participantes e interessados no “De Par em Par na U.Porto”, fazer a apresentação dos resultados principais e recolher opiniões e sugestões para o futuro do programa de observação de aulas.

A sessão teve lugar no Salão Nobre da Reitoria, no dia 17 de Junho de 2011, e contou com a presença de muitos participantes do “De Par em Par na U.Porto”, docentes interessados em participar e docentes das Universidades de Santiago de Compostela e de Vigo. Estavam inscritos para o evento 67 pessoas.

O programa da sessão contou com três intervenções seguidas de uma mesa-redonda:

- "De Par em Par na U.Porto" – Operacionalização e execução, por Prof. João Pedro Pêgo - FEUP
- "De Par em Par na U.Porto" - Apresentação dos principais resultados, Dr.^a Ana Mouraz - FPCEUP
- Análise e reflexão sobre os resultados do "De Par em Par na U.Porto" no contexto internacional dos programas "peer-review of teaching", Prof^a Amélia Lopes - FPCEUP
- Mesa redonda

Na primeira intervenção foi feita a apresentação do programa de observação de aulas “De Par em Par na U.Porto”, os passos dados para a sua operacionalização e os principais indicadores da sua execução.

Na segunda intervenção foram apresentados os primeiros resultados da análise estatística dos campos de observação da grelha. Esta análise, porquanto feita num prazo muito curto, tem de ser considerada provisória, com necessidade de mais aprofundamento.

A última intervenção focou os programas de observação de aulas (peer observantino of teaching, em inglês) no contexto internacional.

No intervalo foram apresentados os *posters* que os Interlocutores das UO, junto com os participantes das suas Unidades Orgânicas, prepararam, expondo os resultados das suas experiências na observação de aulas.

A sessão foi muito participada, revelando o interesse e satisfação dos muitos participantes presentes. Os temas mais discutidos foram os seguintes:

- Carácter voluntário - houve opiniões divididas quanto ao carácter voluntário do programa, embora fosse consensual que o modelo atual é o que se traduz numa participação mais alargada e verdadeira;
- Carácter multidisciplinar – o carácter multidisciplinar do programa (observar docentes de outras Unidades Orgânicas) também foi questionado, embora a maioria da assistência considerou que este tem mais vantagens que desvantagens;
- Grelha de observação – foi consensual que a grelha de observação não se ajusta a todas as aulas, podendo ser objeto de melhorias, nomeadamente torná-la mais adequada ao modelo de Bolonha;
- Tratamento estatístico – foram muito discutidos os resultados do tratamento estatístico das grelhas, nomeadamente na forma como os mesmos evidenciam a importância da relação docente/estudante no processo de ensino-aprendizagem. Foi feito um alerta para o facto da classe “Não se aplica” estar a ser definida com o peso zero, o que vicia as estatísticas;
- Aumento da participação – foram discutidas estratégias para aumentar a participação dos docentes da Universidade do Porto no programa de observação de aulas;
- Reconhecimento institucional – foram discutidas formas de reconhecimento institucional pela participação no programa de observação de aulas, nomeadamente pela emissão de certificados de participação;
- Efeitos do programa – foram discutidas formas de aproveitar os resultados da observação de aulas para melhoria dos métodos de ensino, por exemplo através de formação focada nos pontos que mostraram maiores deficiências;
- Observação de aulas para estudantes – foi sugerido implementar um programa de observação de aulas para estudantes, em que estudantes observam os seus pares durante as aulas;
- Observadores/Observados – foi discutida a hipótese dos participantes poderem escolher ser só observadores ou só observados, sem assumir os dois papéis.

O programa da sessão está disponibilizado no Anexo E, juntamente com as apresentações dos oradores e os *posters* das UO.

4. Análise das Grelhas de Observação

Os resultados dizem respeito aos dados quantitativos e qualitativos recolhidos através das fichas de observação, num total de 95 e que correspondem, grosso modo, a cerca de 48 observadores, que preencheram 2 fichas cada, uma por cada uma das observações realizadas. Os dados recolhidos apenas permitem identificar, no que às variáveis independentes diz respeito, o género do observador e do observado e a pertença, ou não, do observador à mesma Unidade Orgânica que o observado.

Observador: * Unidade Orgânica (UO) do Observador e do Observado: Crosstabulation

Observador:		Unidade Orgânica (UO) do Observador e do Observado:			Total	
		Unidades				
		mesma Unidade	Orgânicas diferentes			
		Orgânica	diferentes			
Observador:	Feminino	Count	30	33	63	
		% of Total	31,6%	34,7%	66,3%	
	Masculino	Count	18	14	32	
		% of Total	18,9%	14,7%	33,7%	
Total		Count	48	47	95	
		% of Total	50,5%	49,5%	100,0%	

O valor do Qui quadrado é de $\chi^2 = 0.632$ – logo a diferença entre grupos não é relevante, pelo que se pode concluir pela hipótese nula – Não há diferenças que enviesem a constituição da amostra do ponto de vista do observador.

Observado: * Unidade Orgânica (UO) do Observador e do Observado: Crosstabulation

Observado:		Unidade Orgânica (UO) do Observador e do Observado:			Total	
		Unidades				
		mesma Unidade	Orgânicas			
		Orgânica	diferentes			
Observado:	Feminino	Count	31	31	62	
		% of Total	32,6%	32,6%	65,3%	
	Masculino	Count	17	16	33	
		% of Total	17,9%	16,8%	34,7%	
Total		Count	48	47	95	
		% of Total	50,5%	49,5%	100,0%	

Qui quadrado é de $\chi^2 = 0.02$ - logo não é relevante, pelo que se pode concluir pela hipótese nula – Não há diferenças que enviesem a constituição da amostra do ponto de vista dos sujeitos observados.

As fichas recolhidas, pese embora não coincidam na distribuição dos observadores e dos observados, obtiveram na distribuição pela variável Unidade orgânica valores que não comprometem a validade da amostra nas duas variáveis independentes que passaremos a considerar: a Unidade Orgânica e o género dos observadores e dos observados.

Estes dados foram ainda ratificados pela análise comparativa *à posteriori* dos dados das variáveis independentes, que permitiram constatar não haver diferenças entre os *scores* dos observadores em resultado da sua condição de género. Igualmente a pertença do observador à mesma ou a diferente Unidade Orgânica do observado não constituiu elemento diferenciador dos *scores* atribuídos, o que significa que não houve endogamia nas observações realizadas.

Igualmente também a ordem das observações realizadas não foi, no seu conjunto, fator de diferenciação. Isto é: entre a primeira (N=51) e a segunda observação (N=44) realizada pelo conjunto dos observadores não se registaram diferenças significativas nos *scores* atribuídos, o que indica que não parece ter existido nem maior benevolência, nem maior exigência na apreciação dos itens observados.

4.1. Análise Quantitativa

Dados da observação

Como anteriormente foi explicitado a grelha de observações encontrava-se organizada na parte que diz respeito à apreciação quantitativa em 5 grandes categorias, a saber: Organização; Exposição; Clima de Turma; Conteúdo e Consciência e Flexibilidade. É essa ordem que seguiremos na apresentação dos resultados.

Organização

[Começa por sumariar brevemente o ponto de chegada da aula anterior] ORGANIZAÇÃO					
			Cumulative		
	Frequency	Percent	Valid Percent	Percent	
Valid	Cumpre pouco/mal	2	2,1	2,1	2,1
	Cumpre	5	5,3	5,3	7,4
	Cumpre muito/bem	19	20,0	20,0	27,4
	Cumpre totalmente	58	61,1	61,1	88,4
	Não aplicável	11	11,6	11,6	100,0

Em setenta e sete observações os professores fizeram o ponto da situação no início da aula, relativamente ao desenvolvimento da UC, o que se traduz numa percentagem de 81%. O nº de aulas em que o procedimento não ocorreu foi residual (N=2). Em onze das situações

observadas, o critério não era aplicável. Contudo, destas 10 aconteceram em aulas onde as observadas eram do género feminino.

[Identifica no início os principais objetivos da aula] ORGANIZAÇÃO

		Frequency	Percent	Cumulative	
				Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	1	1,1	1,1	1,1
	Cumpre	6	6,3	6,3	7,4
	Cumpre muito/bem	21	22,1	22,1	29,5
	Cumpre totalmente	64	67,4	67,4	96,8
	Não aplicável	3	3,2	3,2	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

A maioria dos observados cumpriram bem ou totalmente a tarefa de identificar os principais objetivos da aula (89,5%). Apenas numa situação o docente cumpriu mal o desígnio e em 3 situações o critério não era aplicável. De registar ainda que nestas 3 situações os observados eram do género feminino.

[Organiza a aula de maneira que a relação entre os objetivos e as atividades seja clara]

ORGANIZAÇÃO

		Frequency	Percent	Cumulative	
				Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	1	1,1	1,1	1,1
	Cumpre	8	8,4	8,4	9,5
	Cumpre muito/bem	30	31,6	31,6	41,1
	Cumpre totalmente	47	49,5	49,5	90,5
	Não aplicável	9	9,5	9,5	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

Das noventa e cinco observações, setenta e sete cumpriram bem ou totalmente o critério de organizar a aula de modo a fazer o alinhamento claro entre objetivos e atividades propostas. Em nove casos o critério não foi aplicável, sendo que os nove casos se referiam a aulas em que o observado pertencia ao género feminino. Num caso o cumprimento do objetivo ficou aquém do esperado.

[Usa bem o tempo, realçando o que é mais importante e evitando digressões desnecessárias]

ORGANIZAÇÃO

Valid		Frequency	Percent	Cumulative	
				Valid Percent	Percent
	Cumpre	7	7,4	7,4	7,4
	Cumpre muito/bem	20	21,1	21,1	28,4
	Cumpre totalmente	65	68,4	68,4	96,8
	Não aplicável	3	3,2	3,2	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

A gestão do tempo foi bem feita ou muito bem feita em 85 situações observadas (89,5%), não se aplicando em 3 situações.

[Fecha a aula com a discussão do trabalho realizado e/ou futuro] ORGANIZAÇÃO

Valid		Frequency	Percent	Cumulative	
				Valid Percent	Percent
	Não cumpre	1	1,1	1,1	1,1
	Cumpre pouco/mal	2	2,1	2,1	3,2
	Cumpre	16	16,8	16,8	20,0
	Cumpre muito/bem	18	18,9	18,9	38,9
	Cumpre totalmente	53	55,8	55,8	94,7
	Não aplicável	5	5,3	5,3	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

O encerramento da aula aconteceu pelo recurso a procedimentos conclusivos centrados do trabalho realizado ou em modos prospetivos do que seria a sua continuidade e de forma muito ou totalmente adequada em 71 dos 95 casos (74,7%). Em 16 situações o cumprimento do critério verificou-se sem qualificativos adicionais. Em 5 casos o critério não era aplicável e em outros três o cumprimento não aconteceu ou ocorreu de modo ineficiente.

Organização	N	Min	Max	Mean	Std. Deviation
[Começa por sumariar brevemente o ponto de chegada da aula anterior]	84	1	5	4,58	,715
[Identifica no início os principais objetivos da aula]	92	1	5	4,61	,662
[Organiza a aula de maneira que a relação entre os objetivos e as atividades seja clara]	86	1	5	4,43	,712
[Usa bem o tempo, realçando o que é mais importante e evitando digressões desnecessárias]	92	1	5	4,63	,624
[Fechá a aula com a discussão do trabalho realizado e/ou futuro]	90	1	5	4,33	,924
Valid N (listwise)	95				

Quando avaliamos globalmente esta categoria, da organização, constatamos que o valor das medidas de tendência central é elevado. Os dois itens em que o valor médio é mais elevado são os relativos à coerência entre objetivos e atividades propostas e à gestão do tempo (4.61 e 4.63 respetivamente). Foram também esses itens em que os desvios padrão foram menos elevados – isto é, onde se verificou uma menor dispersão de *scores* atribuídos.

Nenhuma das variáveis independentes consideradas – o género do observado e a pertença à mesma ou a outra Unidade orgânica constituiu elemento explicativo para as variâncias de *scores* atribuídos pelos observadores.

Exposição

[Fala de forma percepível, com volume suficiente e velocidade adequada] EXPOSIÇÃO

Valid		Frequency	Percent	Cumulative	
				Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre	6	6,3	6,3	6,3
	Cumpre muito/bem	29	30,5	30,5	36,8
	Cumpre totalmente	58	61,1	61,1	97,9
	Não aplicável	2	2,1	2,1	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

O primeiro item relativo à dimensão da exposição diz respeito ao modo como o professor fala. Em 87 das observações (91.6%) o critério foi cumprido bem ou totalmente. Em duas

observações o critério não era aplicável e nos dois casos tratava-se de um observado do género feminino.

[Usa lembretes de forma sóbria] EXPOSIÇÃO					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	1	1,1	1,1	1,1
	Cumpre	7	7,4	7,4	8,4
	Cumpre muito/bem	16	16,8	16,8	25,3
	Cumpre totalmente	38	40,0	40,0	65,3
	Não aplicável	33	34,7	34,7	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

O dado mais relevante dos resultados obtidos neste item diz respeito ao número de constatações que o mesmo não era aplicável, que foi assinalado em 33 registos (34,7%). Destes, 27 referem-se a observados do género feminino e 6 a observados do género masculino. O número dos registos que assinalaram um bom ou total cumprimento do critério corresponde a 54 (56%).

Uma análise discriminatória do score “não aplicável” permitiu concluir que nenhuma das variáveis independentes consideradas contribui para este resultado.

[Tem contacto visual com os estudantes ao longo da sala] EXPOSIÇÃO					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	2	2,1	2,1	2,1
	Cumpre	8	8,4	8,4	10,5
	Cumpre muito/bem	24	25,3	25,3	35,8
	Cumpre totalmente	59	62,1	62,1	97,9
	Não aplicável	2	2,1	2,1	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

A quase totalidade das fichas regista scores relativos ao cumprimento bom ou total do item sobre o contacto visual do professor com os estudantes – N=73 (87,4%). Dois registos consideram o item deficientemente cumprido e outros dois consideraram-no inaplicável. Estes dois últimos referem-se a observados do género feminino.

[Move-se pela sala e usa gestos e movimentos corporais adequadamente] EXPOSIÇÃO

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative
				Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	4	4,2	4,2
	Cumpre	12	12,6	12,6
	Cumpre muito/bem	31	32,6	32,6
	Cumpre totalmente	38	40,0	89,5
	Não aplicável	10	10,5	100,0
	Total	95	100,0	100,0

69 observações (72.6%) registaram o facto de os docentes observados se movimentarem pela sala e de usarem o movimento corporal de forma adequada. Em 10 registos (10.5%) tal critério de observação foi considerado não aplicável. Destes, 3 referiam-se a registos efetuados na mesma Unidade Orgânica e 7 diziam respeito a observações feitas por sujeitos pertencentes a outras Unidades orgânicas. Além disso a totalidade dos 10 sujeitos observados onde o critério não foi aplicado eram do género feminino.

[Usa de forma efetiva o quadro, o projetor, material de apoio (e.g. textos) e audiovisuais]

EXPOSIÇÃO

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative
				Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	1	1,1	1,1
	Cumpre	7	7,4	7,4
	Cumpre muito/bem	32	33,7	33,7
	Cumpre totalmente	47	49,5	49,5
	Não aplicável	8	8,4	8,4
	Total	95	100,0	100,0

A utilização do quadro, do projetor e de outro material de apoio foi considerado como cumprindo bem ou totalmente a função em 79 casos observados (83.2%). Oito registos atribuíram o score 0, correspondente a um “não aplicável”. Seis deles diziam respeito a sujeitos do género feminino e dois a observados do género masculino.

EXPOSIÇÃO					
	N	Min	Max	Mean	Std. Deviation
[Fala de forma percepível, com volume suficiente e velocidade adequada]	93	3	5	4,56	,616
[Usa lembretes de forma sóbria]	63	2	5	4,47	,762
[Tem contacto visual com os estudantes ao longo da sala]	93	2	5	4,51	,746
[Move-se pela sala e usa gestos e movimentos corporais adequadamente]	85	2	5	4,21	,860
[Usa de forma efetiva o quadro, o projetor, material de apoio (e.g. textos) e audiovisuais]	87	2	5	4,44	,694
Valid N (listwise)	95				

A avaliação global desta dimensão – exposição, evidencia um valor elevado nos itens 1 “fala de forma percepível, com volume suficiente e velocidade adequada” e 3, relativo ao contacto visual mantido com os estudantes. É também nestes dois itens naqueles em que a mediana se situa no nível máximo. A menor dispersão dos resultados, expressa em menores valores do desvio padrão, valida igualmente a constatação da tendência associada a estes dois itens. O valor médio mais baixos obtido no item relativo ao movimento do professor pela sala está também associado ao valor mais elevado da dispersão.

Clima de turma

[Encoraja uma atmosfera positiva de respeito mútuo] CLIMA DE TURMA					
	Frequency	Percent	Valid Percent	Percent	Cumulative Percent
Valid					
	Não cumpre	1	1,1	1,1	1,1
	Cumpre pouco/mal	1	1,1	1,1	2,1
	Cumpre	8	8,4	8,4	10,5
	Cumpre muito/bem	26	27,4	27,4	37,9
	Cumpre totalmente	53	55,8	55,8	93,7
	Não aplicável	6	6,3	6,3	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

A existência de um clima de respeito mútuo é encorajada pelos professores de forma boa e muito boa em 79 observações (83.2%). Em seis casos (6.3%) o critério não pode ser aplicado e

noutros dois casos essa atmosfera de respeito não existiu. Os casos de não aplicação referiam-se a observações feitas por pessoas de outras Unidades orgânicas em 5 dos 6 casos contabilizados. Também 5 dos 6 casos correspondiam a observados do género feminino e um do género masculino.

[Mostra entusiasmo pelo assunto da aula e faz os estudantes quererem aprender] CLIMA DE TURMA

		Frequency	Percent	Cumulative	
				Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre	5	5,3	5,3	5,3
	Cumpre muito/bem	23	24,2	24,2	29,5
	Cumpre totalmente	67	70,5	70,5	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

O entusiasmo evidenciado pelo professor foi uma tendência dominante no conjunto das observações, uma vez que 90 dos 95 observados cumpriram o desígnio de modo bom ou totalmente. Neste item nenhum observador considerou não aplicável o critério.

[Encoraja e é responsável à participação dos estudantes] CLIMA DE TURMA

		Frequency	Percent	Cumulative	
				Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	1	1,1	1,1	1,1
	Cumpre	10	10,5	10,5	11,6
	Cumpre muito/bem	27	28,4	28,4	40,0
	Cumpre totalmente	57	60,0	60,0	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

O outro item desta dimensão relativo a promoção da participação dos estudantes obteve scores elevados de cumprimento bom ou total que se cifram em 84 registos (88.4%). Também a exemplo do item anterior todos os observadores consideraram poder fazer um juízo de valor.

**[Faz notar ou aprecia a compreensão de conceitos ou mestria de habilidades dos estudantes] CLIMA
DE TURMA**

		Frequency	Percent	Cumulative Percent	
				Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	1	1,1	1,1	1,1
	Cumpre	15	15,8	15,8	16,8
	Cumpre muito/bem	30	31,6	31,6	48,4
	Cumpre totalmente	40	42,1	42,1	90,5
	Não aplicável	9	9,5	9,5	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

O último item deste grupo diz respeito ao reconhecimento demonstrado pelo professor, relativamente às competências evidenciada pelos estudantes. Constatase existirem 70 observações nas quais o comportamento é constatado em níveis considerados bons e totalmente cumpridos (73.7%). Verificam-se 15 situações (15,8) nas quais o nível de cumprimento é menor. Em 9 situações (9.5%) o critério não pode ser aplicável, sendo que destas 6 foram feitas por pessoas de outras Unidades orgânicas e 3 por pessoas que partilham com o observado o mesmo espaço de trabalho. Quanto ao género, foram 7 as observadas do género feminino a quem não foi aplicado o critério.

Clima de Turma					
	N	Min	Max	Mean	Std. Deviation
[Encoraja uma atmosfera positiva de respeito mútuo]	89	1	5	4,45	,798
[Mostra entusiasmo pelo assunto da aula e faz os estudantes quererem aprender]	95	3	5	4,65	,579
[Encoraja e é responsável à participação dos estudantes]	95	2	5	4,47	,727
[Faz notar ou aprecia a compreensão de conceitos ou mestria de habilidades dos estudantes]	84	2	5	4,27	,789
Valid N (listwise)	95				

No conjunto dos itens que descrevem esta dimensão aplicada à sala de aula. Constatam-se valores médios muito elevados no item2. O mesmo item é aquele onde se verifica um valor mais baixo do desvio padrão e cuja mediana está também na casa do número 5. A média mais baixa obtida no item 4 traduz a menor importância do item a acrescentar ao maior número de casos de não aplicação do critério.

Conteúdo

[Mostra que domina a matéria e/ou as competências a desenvolver] CONTEÚDO

	Frequency	Percent	Cumulative	
			Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre muito/bem	12	12,6	12,6
	Cumpre totalmente	82	86,3	98,9
	Não aplicável	1	1,1	100,0
	Total	95	100,0	100,0

A exemplo do que havia acontecido em estudos anteriores (não comparáveis senão absolutamente) este item foi o melhor pontuado dentre todos os itens da grelha. 94 situações foram classificadas como de cumprimento bom e total (98,8%), tendo-se registado apenas 1 situação de não aplicação.

[Cria expectativas que são simultaneamente razoáveis e desafiadoras] CONTEÚDO

	Frequency	Percent	Cumulative	
			Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	1	1,1	1,1
	Cumpre	5	5,3	6,3
	Cumpre muito/bem	34	35,8	35,8
	Cumpre totalmente	48	50,5	92,6
	Não aplicável	7	7,4	100,0
	Total	95	100,0	100,0

A criação em situação de sala de aula de expectativas simultaneamente desafiadoras e razoáveis foi considerado um aspeto bem e totalmente cumprido em 82 casos (86.3%). Em sete situações o critério não foi aplicado, sendo que 6 delas diziam respeito a observados do género feminino, enquanto num caso foi pouco ou mal satisfeito.

[Encoraja o pensamento independente, crítico ou reflexivo] CONTEÚDO

	Frequency	Percent	Cumulative	
			Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	1	1,1	1,1
	Cumpre	12	12,6	12,6
	Cumpre muito/bem	23	24,2	24,2
	Cumpre totalmente	45	47,4	47,4
	Não aplicável	14	14,7	14,7
	Total	95	100,0	100,0

O estímulo verificado na aula à existência de um pensamento independente, crítico ou reflexivo atingiu níveis bons e muito bons em 68 registos de observação (71.6%).

Não foi critério aplicável em 14 situações (14.7%). Destes, 9 referiam-se a diferentes Unidades Orgânicas e 5 a apreciações feitas por observadores da mesma Unidade orgânica. Do ponto de vista do género, 11 das situações onde o item foi considerado não aplicável, correspondiam a aulas onde o observado era do género feminino.

Conteúdo					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
[Mostra que domina a matéria e/ou as competências a desenvolver]	94	4	5	4,87	,335
[Cria expectativas que são simultaneamente razoáveis e desafiadoras]	88	2	5	4,47	,660
[Encoraja o pensamento independente, crítico ou reflexivo]	81	2	5	4,38	,784
Valid N (listwise)	95				

A tendência no grupo de itens que estão incluídos na dimensão do conteúdo é a de valorizar o domínio da matéria evidenciado pelo professor na situação de aula. Essa dominância é também visível na menor dispersão. Os aspectos associados ao interesse dos conteúdos aparecem em segundo lugar e a promoção do pensamento dos estudantes fica na terceira posição com valores mais modestos.

Este item é também aquele que diferencia estatisticamente, e de modo significativo, os sujeitos observados do género feminino dos seus pares do género masculino. Com efeito, é às mulheres a quem se reconhece mais evidências demonstrativas do domínio do conteúdo dos conhecimentos veiculados nas aulas. ($t= 2.5$ para um $p <0.05$)

Consciência e flexibilidade

[Comunica efetivamente ao nível dos estudantes particulares envolvidos] CONSCIÊNCIA E FLEXIBILIDADE

		Frequency	Percent	Cumulative	
				Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre	6	6,3	6,3	6,3
	Cumpre muito/bem	24	25,3	25,3	31,6
	Cumpre totalmente	63	66,3	66,3	97,9
	Não aplicável	2	2,1	2,1	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

O número de situações em que se constatou que os docentes conseguiam estabelecer uma comunicação efetiva com os estudantes, considerados individualmente, e que a mesma havia sido cumprida, bem ou totalmente, foi de 87 caos (81,6%). Em dois casos o critério não foi aplicável.

[Pergunta ou usa outras estratégias para confirmar a compreensão do estudante] CONSCIÊNCIA E FLEXIBILIDADE

		Frequency	Percent	Cumulative	
				Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre	9	9,5	9,5	9,5
	Cumpre muito/bem	32	33,7	33,7	43,2
	Cumpre totalmente	52	54,7	54,7	97,9
	Não aplicável	2	2,1	2,1	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

O recurso a estratégias de questionamento dos estudantes para testar a sua compreensão e ter assim uma informação sobre o *feedback* do ensino aprendizagem desenvolvido foi considerado bem ou totalmente cumprido em 84 (88,4%) das situações analisadas.

[Muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada] CONSCIÊNCIA E FLEXIBILIDADE

		Frequency	Percent	Cumulative	
				Valid Percent	Percent
Valid	Cumpre pouco/mal	1	1,1	1,1	1,1
	Cumpre	2	2,1	2,1	3,2
	Cumpre muito/bem	16	16,8	16,8	20,0
	Cumpre totalmente	30	31,6	31,6	51,6
	Não aplicável	46	48,4	48,4	100,0
	Total	95	100,0	100,0	

46 registos de observação atribuíram scores de bom e total ao grau de cumprimento do item que aferia se os professores mudavam as estratégias quando os estudantes “não mostram maestria ou a compreensão esperadas”. Número idêntico (48.4%) é o que contabiliza os casos em que o critério não pode ser aplicado. Destes casos 21 referiam-se a observados da mesma Unidade Orgânica que os observadores e 25 casos que correspondiam a observadores de outras UO. 34 desses casos dizem respeito a observados do género feminino e 12 do Género masculino.

Uma análise discriminatória do score “não aplicável” permitiu concluir que nenhuma das variáveis independentes consideradas contribui para este resultado.

Consciência e Flexibilidade					
	N	Min	Max	Mean	Std. Deviation
[Comunica efetivamente ao nível dos estudantes particulares envolvidos]	93	3	5	4,61	,608
[Pergunta ou usa outras estratégias para confirmar a compreensão do estudante]	93	3	5	4,46	,669
[Muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada]	49	2	5	4,53	,680
Valid N (listwise)	95				

Nesta dimensão, a da consciência e da flexibilidade, constata-se que o item relativo à maior preocupação do professor em atender à diversidade e especificidade dos estudantes se sobrepõe ao uso de estratégias de avaliação de acompanhamento e também quanto à adoção de estratégias diferentes adotadas em resultado da constatação de um menor resultado de maestria ou compreensão evidenciado pelos estudantes. Todavia o nº de respostas consideradas neste último item é cerca de metade, em virtude das não aplicabilidade.

Após a recolha e estudo dos dados, de acordo com as categorias previamente definidas, realizámos um estudo de redução fatorial, para o que incluímos todas as variáveis dependentes. A análise devolveu-nos 6 componentes, responsáveis por 85.7% da variância total, que correspondem aos itens seguintes:

1ª Componente – explica 47,5% da variância

A3. Organiza a aula de maneira que a relação entre os objetivos e as atividades seja clara

C3. Encoraja e é responsável à participação dos estudantes

C4. Faz notar ou aprecia a compreensão de conceitos ou mestria de habilidades dos estudantes

D3. Encoraja o pensamento independente, crítico ou reflexivo

E1. Comunica efetivamente ao nível dos estudantes particulares envolvidos

E2. Pergunta ou usa outras estratégias para confirmar a compreensão do estudante

E3. Muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada

2^a Componente - explica 12,8% da variância

A2. Identifica no início os principais objetivos da aula

B2. Usa lembretes de forma sóbria

C1. Encoraja uma atmosfera positiva de respeito mútuo

C2. Mostra entusiasmo pelo assunto da aula e faz os estudantes quererem aprender

D1. Mostra que domina a matéria e/ou as competências a desenvolver

D2. Cria expectativas que são simultaneamente razoáveis e desafiadoras

3^a Componente - explica 8,8% da variância

B3. Tem contacto visual com os estudantes ao longo da sala

B4. Move-se pela sala e usa gestos e movimentos corporais adequadamente

B5. Usa de forma efetiva o quadro, o projetor, material de apoio (e.g. textos) e audiovisuais

4^a Componente – explica 6,5% da variância

B1. Fala de forma percepível, com volume suficiente e velocidade adequada

5^a Componente – explica 5,2% da variância

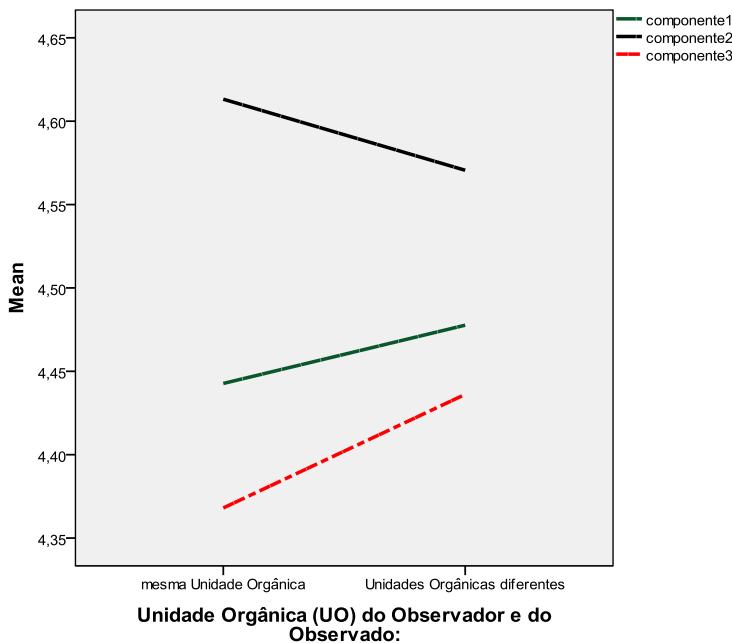
A4. Usa bem o tempo, realçando o que é mais importante e evitando digressões desnecessárias

6^a Componente - explica 5,1% da variância

A1. Começa por sumariar brevemente o ponto de chegada da aula anterior

A5. Fecha a aula com a discussão do trabalho realizado e/ou futuro

Face a esta nova organização dos dados, calculámos novas variáveis a partir das médias das variáveis iniciais e averiguámos da existência de diferenças entre os grupos relativos às variáveis independentes.



A componente 2, que agrupa os itens mais conotados com a dimensão da ação e do controle do professor, obteve *scores* médios mais elevados que os atingidos pela componente 1 (cujos itens podem ser associados , grosso modo, com a intervenção dos estudantes) e que os *scores* da componente 3 – que se refere sobretudo à dimensão expositiva da aula. Uma análise estatística dos itens emparelhados confirmou essas diferenças como significativas, respetivamente $t= 3.47$ e $t=3.84$, para um $p <0.05$.

Quando analisámos os itens a partir das variáveis independentes, não encontrámos qualquer diferença.

4.2.Análise Qualitativa

Esta segunda seção refere-se aos dados de cariz qualitativo, oriundos dos campos abertos da grelha e que foram produzidos em resposta a três tipos de solicitação: para complementar as apreciações quantitativas em cada uma das dimensões que compunham a grelha; para fazer uma apreciação geral sobre aspetos da aula observada e cujo mote foi dado por 4 questões – tipo, a saber: 1) O que foi mais impressivo da aula? 2) Quais as perguntas que eu gostaria de fazer ao colega? 3) Quais as semelhanças/diferenças foram encontradas em relação à minha própria prática letiva? 4) Posso fazer alguma recomendação? Finalmente, a terceira solicitação abordava a discussão pós-observação reflexiva.

Catorze das noventa e cinco grelhas não foram preenchidas nos dois campos de resposta aberta. Sobre os dados foi feita análise de conteúdo para o que se recorreu ao programa Webqda, software em teste, disponibilizado pela Universidade de Aveiro.

A análise de conteúdo seguiu os princípios básicos da codificação não exclusiva e emergente, que permitiu constituir as seguintes categorias e subcategorias:

Organização.

Exposição:

A estrutura típica das aulas; eficácia das estratégias; utilização dos recursos.

Clima da aula:

Comportamento do professor; comportamento dos estudantes; constrangimentos do espaço; relação pedagógica estabelecida.

Conteúdos:

Relação com a investigação; contextualização; articulação vertical e horizontal dos conteúdos.

Consciencialização dos estudantes:

Participação dos estudantes.

Reflexão final: Da observação ao observador:

Da Observação: (1) limitações epistemológicas da grelha; (2) impacto da observação de pares: partilha de experiências; crítica construtiva; o papel do professor;

Ao Observador: dificuldades do modelo; semelhanças com as práticas do observador; influência nas práticas do observador.

A diferenciação, introduzida pelas 3 variáveis independentes que tínhamos considerado, permitiu-nos constituir os casos. Isto é, as três variáveis são: a Unidade orgânica relativa de pertença do observador e do observado (mesma ou outra); o género e a situação de observador ou de observado.

O programa webQDA oferece recursos de fonte de codificação que foram utilizados para associar os casos com as categorias e codificação de referência, que no nosso caso, correspondem a frases ou expressões que representam uma proposição assertiva.

A apresentação dos dados segue a mesma ordem da apresentação das categorias antes efetuada.

Organização:

Na generalidade, as 18 referências compiladas acerca da organização da aula presenciada foram muito lisonjeiras, porquanto se referiram à qualidade da organização como um traço

vicariante daquela. Apenas duas referências foram críticas, relativamente a este aspeto: uma primeira para notar que aos estudantes foi tacitamente autorizado entrar e sair em qualquer momento da aula e que isso aconteceu efetivamente, e uma segunda para fazer notar a importância da gestão do tempo e da necessidade de redefinir o intervalo.

Categoria Organização	Nº de referências	
Observado masculino	6	21%
Observado feminino	12	23%
Observador masculino	4	15%
Observador feminino	14	26%
Outra UO	12	29%
Mesma UO	5	14%

Das 18 referências apenas 5 foram produzidas por professores da mesma Unidade Orgânica (UO). Embora em menor nº relativo (todas as percentagens foram calculadas a partir do nº de entradas codificadas como oriundas de cada um dos tipos de caso), o teor das apreciações vai no mesmo sentido das produzidas pelos professores de diferentes UO - os observadores valorizaram a planificação prévia, a adequação da estrutura.

Na reflexão final conjunta concluiu-se que a aula assistida tinha primado pela clareza de propósitos, salientando-se, igualmente, a qualidade da docente como comunicadora e a organização adequada do circuito pedagógico que a mesma animou.

A abordagem dos tópicos de forma incremental e parecendo acessível que, embora de uma área muito afastada, nunca perdi o "fio à meada" da exposição. Isto sem perder nada na profundidade dos tópicos lecionados.

Exposição:

A estrutura típica das aulas

Alguns dos depoimentos recolhidos referiam-se à estrutura genérica que presidiu à aula observada. Pese embora a observação e a grelha respetiva se focar no desempenho do professor, foi possível constatar pelos textos analisados que o decurso das aulas seguiu esquemas e prioridades diferentes. Grosso modo, é possível dividi-las em dois grupos: as que se centram ou dão algum relevo à exposição de conteúdos e aquelas que assentam no trabalho ou na participação dos estudantes.

1h teórica 2h apresentação de trabalhos pelos estudantes sala pequena* primeira hora da aula de exposição prolongada, com pouca intervenção dos estudantes. Aula muito organizada, docente fornece dados e elementos variados, faz perguntas para encorajar a aprendizagem; estudantes estão à vontade para fazer perguntas; reformula e repete informação relevante*

A aula prática segue um formato (consulta em direto) que funciona na excelência. Os estudantes no final da aula questionam o professor por aproximação

Todavia também constatamos existir um número apreciável de aulas que combinam as duas modalidades: algumas foram divididas em períodos de exposição e de debate ou de trabalho mais prático dos estudantes; outras centraram-se na atividade a realizar pelos estudantes, seja sob a forma de exercícios ou de protocolos de atividade, mas percebe-se que o questionamento do professor é o fio de *ariane* que assegura a sequência.

Na primeira parte da aula a exposição dos conteúdos foi realizada com grande proximidade em relação aos acetatos projetados. Na segunda parte da aula, e na sequência de questões colocadas pelos estudantes, o docente passou a expor os conteúdos de forma mais livre, apresentando exemplos e aplicações.

Aula bem estruturada e organizada, com momentos de alternância entre trabalho em pequeno grupo e momentos mais expositivos.

A aula é bem organizada numa primeira componente mais teórica e expositiva, a que sucede uma componente de trabalho prático, relativamente autónomo, sobre os conteúdos expostos na primeira parte.

o questionamento constante dos alunos, induzindo-os à reflexão e avaliando, através do conteúdo das respostas, o grau de compreensão da matéria.

Aula TP em anfiteatro Cerca 50-60 estudantes* Exercícios com turma grande* Estudantes ativos na resolução de problemas e a falar entre si.*

Constatámos ainda existir um grupo de observações que davam conta de aulas que, assentando no trabalho dos estudantes, contavam com ele como pedra de toque para o aprofundamento ou o desenvolvimento sustentado de conteúdos.

As estratégias tutoriais, subsequentes à aula, também me pareceram bastante adequadas, já que os alunos teriam que resolver alguns exercícios fora da sala de aula, os quais, em caso de dificuldade, poderiam ser objeto de reflexão em conjunto com a professora num horário previamente determinado para o efeito.

Um grupo de estudantes apresentou a preparação e as suas estratégias para lecionarem uma aula de desporto, que em seguida foi dada por todos os grupos da turma

Tratou-se da última aula, pelo que se efetuou uma resenha sobre o trabalho desenvolvido durante as aulas. Fez-se, particularmente, uma integração dos conteúdos com o trabalho laboratorial desenvolvido o que serviu como nota introdutória para as apresentações orais que os alunos efetuaram de seguida sobre a sua experiência no laboratório

O facto de se pertencer à mesma ou a diferente UO não parece ter sido motivo maior de descrição do esquema típico das aulas presenciadas como se constata na regularidade da tabela seguinte.

Estrutura típica da aula	Nº de referências	
Observado masculino	9	31%
Observado feminino	11	21%
Observador masculino	6	22%
Observador feminino	14	26%
Outra UO	10	24%
Mesma UO	10	27%

Eficácia das estratégias

	Eficácia das estratégias	
Observado masculino	14	48%
Observado feminino	30	58%
Observador masculino	17	63%
Observador feminino	29	54%
Outra UO	25	60%
Mesma UO	20	54%

Uma primeira nota sobre as codificações registadas nesta categoria é a que ela constitui o grupo maior. Isto significa que, em média, de mais de metade de todos os casos considerados foram produzidos depoimentos que puderam codificar-se como se referindo às estratégias utilizadas. A lista das estratégias eficazes está associada, em primeiro lugar, ao comportamento do professor, quer pelo nº de referências associadas (18), quer pela imputação direta da relação produzida pelos observadores (tabela estratégias). São exemplo os excertos seguintes que enfatizam algumas das razões da eficácia: a presença efetiva do professor junto dos grupos; o ritmo impresso na aula; o sentido de humor; o recurso à prática; o poder comunicante expresso na voz e nos gestos:

Na discussão dos trabalhos, a Professora incentivou o uso da linguagem apropriada, corrigiu as falhas e promoveu debate com os restantes estudantes. Durante a aula prática, a Professora teve o cuidado de supervisionar todos os grupos

Também o ritmo de exposição: enérgico e interativo.

Sentido de humor; introdução de exemplos do dia-a-dia; promove simplicidade da matéria

O barulho quase que desaparece quando o docente faz uma exposição mais longa.

Tom de voz. Muitas inflexões, bom volume. Bom apoio de slides e de outros elementos/objetos que circulam na sala. Mais movimento do docente. Para isso não pode haver tanta dependência do computador para o avanço dos slides.

Realça-se o volume de voz do professor, que marca uma dominância da aula.

Grande capacidade para explicar de forma intuitiva os conceitos estatísticos. Grande capacidade de relacionar a teoria com a prática.

É ainda digno de nota que das 18 referências cruzadas (comportamento do professor e eficácia das estratégias), apenas 1 assumiu um pendor negativo, isto é aparecia como justificação de ineeficácia:

A docente colocou algumas perguntas aos estudantes mas estas eram de resposta facultativa. Julgo que esta opção diminui o envolvimento dos estudantes na dinâmica da aula

A estrutura da aula e a preocupação de contextualizar os saberes foram outras subcategorias associadas que podem explicar a eficácia das estratégias, como se depreende dos exemplos seguintes:

Excelente coordenação entre conteúdo da aula e a própria investigação, o que evidencia o conhecimento profundo do tema e estimula a aprendizagem ao demonstrar a atualidade do tema

O modo como a aula foi planificada constitui uma das mais-valias da mesma. O recurso a exemplos concretos, utilizados como ponte cognitiva entre a informação divulgada e o conhecimento pessoal dos alunos, pareceu-me ser outro dos contributos mais pertinentes utilizados pela docente.

Uso de histórias pessoais para ilustrar conteúdo teórico que serve de chamada de atenção numa aula que é relativamente longa (1.5h)

Outra categoria associada à eficácia das estratégias é a constatação da participação dos estudantes. Todavia, dos textos analisados fica sem poder concluir-se se as estratégias são eficazes porque promovem a participação dos estudantes ou se é essa participação que as torna eficazes.

O conseguir manter a atenção e participação dos alunos numa aula teórica com três horas de duração (dois intervalos curtos)

A realçar desta aula a forma como o docente estimulou o pensamento crítico dos alunos e o modo como os "desafiou" na resolução dos problemas, que foram aparecendo ao longo da realização do trabalho prático, incentivando a reflexão do aluno para a descoberta da solução

Uma última categoria associada à eficácia diz respeito à utilização de recursos. Constatámos nos depoimentos existir uma dimensão de fascínio causado pela criativa e organizada exploração dos recursos que é imediatamente associada à eficácia comunicativa da aula, nomeadamente aqueles recursos que ficam disponíveis para além do tempo físico da aula.

Achei o "chat" um meio extremamente promissor e eficaz, com potencialidades muito interessantes, especialmente nos novos modelos de ensino-aprendizagem.

Gostei particularmente dos slides utilizados, que me deram ideias para modificar os meus. A técnica de apresentação, nomeadamente a forma como gere slides e escrita no quadro, é interessante, e permitiu-me tirar ideias que poderei vir a utilizar.

A meio da sua apresentação em power-point o docente surpreende-nos com a utilização do seu iPad, onde desenha esquemas que ajudam o aluno a compreender melhor o que está a ser ensinado. Regressa de novo ao computador mas a sua tentativa de mostrar imagens do cérebro em 3D falham porque o sistema bloqueia nesse momento.

Encontrámos apenas uma referência negativa à desadequada utilização de recursos como capaz de explicar uma menor eficácia da aula.

A utilização do data show foi mais deficitária.

Contabilizámos 17 referências que se inscrevem sob o rótulo de adequada utilização de recursos, contra 6 que dão conta de menos cuidada proficiência daqueles. Dentre os primeiros há uma predominância dos recursos que usam as tecnologias, quer as presenciais, quer as à distância, mas também encontrámos referências à adequação combinada dos recursos e à sua escolha coerente com a motivação dos estudantes para o aprofundamento dos conteúdos.

Utiliza diferentes meios visuais de comunicação - projetor + quadro fixo + quadro móvel.

Todo o conteúdo científico da aula esteve assente em artigos recentes e de elevado fator de impacto. Recomendou também a leitura de artigos científicos a quem quisesse "saber mais"

As seis apreciações negativas feitas sobre a utilização dos recursos estão relacionadas de um modo geral com a sua menor clareza, que assim serviu mal os propósitos da sua escolha.

A apresentação dos diapositivos poderia ter mais contraste

Planeamento e organização no quadro um pouco confusa.

As imagens eram, alguns casos, de fraca qualidade, tendo origem em photocópias ou fotografias. Por vezes a o tamanho diminuto da letra não permitia a sua leitura.

Clima da aula:

Das dezasseis referências codificadas explicitamente no âmbito desta categoria encontrámos quatro que alertavam negativamente para aspectos que contribuíram para um clima menos positivo. Esses aspectos dizem respeito ao tipo de aula, excessivamente expositiva, ao comportamento inadequado de alguns estudantes, e à menor ou inexistente participação no decurso da aula observada de alguns estudantes, potenciada às vezes pelos constrangimentos do espaço.

Neste tipo de salas (anfiteatro) os estudantes que ficam nas filas mais afastadas do espaço de exposição (mais na parte de cima do anfiteatro) são normalmente aqueles que chegam atrasados à aula. Ora, esses são aqueles que acabam por não participar na aula, ampliando assim a "distância" de partilha na aula.

A aula funcionou como atmosfera negativa de respeito mútuo, porque perturbou a atenção dos alunos que queriam efetivamente aprender.

A aula teve um tom muito expositivo, o que limitou a participação dos alunos.

As referências positivas ao clima da aula, que foram as restantes, estão relacionadas com as mesmas variáveis, ainda que com evidências de sentido inverso. Isto é, o clima da aula é muito positivo se os estudantes estão envolvidos na dinâmica da aula e não se inibem de colocar perguntas e fazer considerações.

De notar a jovialidade no relacionamento com os alunos e o permanente incentivo à sua participação, pese embora a dificuldade dos temas

O bom clima da turma, propiciador da colocação espontânea de questões por parte dos alunos.

O comportamento do professor foi a categoria mais referenciada de modo absoluto (51 referências) quer também aquela que aparece mais frequentemente com carácter explicativo do clima de aula criado. Aspectos como a postura na aula (os gestos, o tom de voz, o sentido de humor), as dinâmicas criadas, o empenho pessoal, o controle de acontecimentos simultâneos, e a competência relacional mantida com os estudantes, parecem ser os aspectos mais valorizados pelos observadores acerca do desempenho em aula dos seus pares.

O colega manteve-se sempre a sorrir durante toda a aula!

A segurança teve a ver com um grito através do laboratório para um aluno que estava a fazer uma pipetagem com a boca.

O esforço colocado no reconhecimento pessoal com os alunos da turma, como denota a facilidade demonstrada em se dirigir aos alunos em geral pelo próprio.

Apesar do tipo de aula proporcionar comportamentos menos disciplinados, a Professora tem uma atitude muito assertiva e uma voz muito adequada, e sem esforço, consegue manter a turma controlada.

Num segundo conjunto de aspectos, evidenciados pelos observadores, mas de referência menos frequente, encontram-se as competências pedagógica e científica, responsáveis quer pelo rigor quer pela qualidade das aprendizagens promovidas.

O cuidado em assegurar que os alunos interpretam adequadamente as citações e apontamentos da aula, com estímulo da reflexão do aluno e da ligação a outras UC e conceitos aprendidos anteriormente.

apreciei particularmente a capacidade do docente em lidar com instrumentos pedagógicos diversos sem que a aula tivesse, alguma vez, momentos «mortos»

A realçar desta aula a forma como o docente estimulou o pensamento crítico dos alunos e o modo como os "desafiou" na resolução dos problemas, que foram aparecendo ao longo da realização do trabalho prático, incentivando a reflexão do aluno para a descoberta da solução

As referências negativas feitas ao comportamento do professor são em muito menor número e dizem respeito ao menor controle evidenciado pelo docente observado, quer das condições técnicas da aula, quer, sobretudo, do comportamento dos estudantes.

A necessidade de a docente se socorrer de microfone não lhe permitiu, naturalmente, mover-se na sala. A configuração do anfiteatro também não é adequada a essa performance mais dinâmica de movimentos.

Usa os slides e o quadro de forma complementar embora com disposição desordenada podendo dar origem a confusão.

Foi consensual que o fator menos positivo da aula foi a permissividade relativa aos alunos perturbadores.

A questão por mim colocada à professora foi qual o motivo por que um grupo de alunos entrou na aula com 15 min de atraso (o último aluno entrou com 20min de atraso).

As sugestões associadas à modificação de comportamentos do professor (5 referências) podem inscrever-se como resolução desse menor controle da aula de que são exemplo:

Pedir aos estudantes que desliguem os PCs quando não são necessários na aula.

Sugiro, por isso, que a docente não dê tanta atenção àqueles que participam, e foque a sua atenção nos restantes

Comportamento do professor		
Observado masculino	20	69%
Observado feminino	28	54%
Observador masculino	18	67%
Observador feminino	32	59%
Outra UO	27	64%
Mesma UO	22	59%

Olhando de um outro ângulo para a categoria, é também possível verificar que ela é uma constante nos depoimentos recolhidos, independentemente dos casos em que aqueles foram codificados.

Aspetto mais determinante do clima da aula é o comportamento dos estudantes, que foi a categoria que recolheu um número superior de referências codificadas de cariz negativo ($N=17$) quando comparadas com as referências positivas ($N=6$). As manifestações de comportamentos desajustados traduziram-se em excesso de barulho, conversas e outras atividades laterais ao assunto da aula, em entradas e saídas da aula durante o seu funcionamento, que evidenciam uma mentalidade imatura e nada apropriada à situação de estudante.

Infelizmente, o clima de desrespeito pelo trabalho docente que caracteriza os nossos alunos nos últimos anos, levam a situações como a que constatei na aula observada. Os alunos estiveram constantemente a entrar e sair da aula teórica porque havia uma entrada que o docente não controla. Além disso, estiveram sempre a conversar em pequenos grupos, num total desrespeito pelo esforço do docente. Estes problemas não são, de todo, específicos deste docente ou desta UC mas são relativamente comuns no ensino superior.

os "mais novos" estavam sentados mais longe da professora e dedicavam-se a tarefas alheias à aula.

o ruído provocado, a espaços, por estudantes do 1º ano do curso de mestrado integrado em causa revelou-se o dado mais apelativo da aula. Tal sucede não por causa da docente mas da cultura escolar dos estudantes, ainda muito próxima da do ensino secundário.

As menos numerosas referências elogiosas ao comportamento dos estudantes, dizem respeito quer à atitude de respeito quer ao empenho manifesto naquelas aulas, que um dos observadores associou à maturidade e mais responsabilidade de alguns.

O que me chamou mais a atenção foi a concentração dos alunos na aula, em atitude de querer aprender, participativos e reativos às questões colocadas pela professora.

Ótimo clima. Muito à vontade com respeito.

Chamou a atenção o fato de ser um grupo de estudantes com idades diversas. Enquanto os "mais velhos" estavam atentos e participavam ativamente na aula, [os "mais novos" estavam sentados mais longe da professora e dedicavam-se a tarefas alheias à aula]

Algumas das situações de maior descontrole comportamental dos estudantes ficaram a dever-se, no entender dos observadores, às deficientes condições físicas do espaço. As onze referências compiladas relativas aos constrangimentos do espaço permitem constatar que é a relação entre o tamanho da sala e o nº de estudantes aí presente, mas também as condições de visualização e de acústica que se tornaram mais evidentes como aspetos negativos das aulas observadas.

De uma forma geral, penso que os únicos aspetos mais desfavoráveis a salientar são efetivamente aqueles que se prendem diretamente com as condições físicas do anfiteatro e das infraestruturas do mesmo, concretamente o tipo de iluminação artificial que apresenta e a escala (antropométrica) na zona da assistência - é muito reduzido o espaço entre as filas de cadeiras prejudicando o conforto ergonómico, aspeto este também essencial para manter a concentração na aula

A acústica da sala de aula é muito má, o que dificulta a exposição por parte do docente.

dispersão dos estudantes ao longo da sala fez-me pensar na importância da adequação do espaço ao número de estudantes.

	Deficiente comportamento dos estudantes	Adequado comportamento dos estudantes		clima da aula		
Observado masculino	2	7%	1	3%	7	24%
Observado feminino	14	27%	8	15%	4	8%
Observador masculino	4	15%	2	7%	6	22%
Observador feminino	14	26%	3	6%	9	17%
Outra UO	12	29%	3	7%	7	17%
Mesma UO	4	11%	2	5%	8	22%

O comportamento dos estudantes constituiu uma categoria importante para os casos dos observados e observadores do género feminino, bem como para os depoimentos oriundos de observadores de diferentes UO.

O último descritor que contribui para a caracterização do clima de aula é a relação pedagógica estabelecida que encontrámos especificamente referida em 8 depoimentos como sendo favorável à prossecução dos objetivos das aulas. Na generalidade, a relação é caracterizada como franca e jovial para o que contribui, sempre, o comportamento do professor.

Conteúdos:

A apreciação do modo de trabalho dos conteúdos, se bem que fique limitada pelo facto de cerca de metade das observações terem sido efetuadas por docentes de áreas diferentes, centrou-se nos três descritores seguintes: relação com a investigação; contextualização e articulação vertical e horizontal dos conteúdos.

Apesar de na generalidade, como ficou patente na parte quantitativa deste relatório, o domínio dos conteúdos ter sido o item mais valorizado e reconhecido pelos observadores como sendo característica das aulas observadas, constatamos que o volume de referências que pode associar esse domínio à investigação produzida é diminuto – apenas encontrámos 3 referências explícitas. Nos casos em que tal ocorreu, a estratégia foi muito bem-sucedida e serviu de estímulo à aprendizagem.

Excelente coordenação entre conteúdo da aula e a própria investigação, o que evidencia o conhecimento profundo do tema e estimula a aprendizagem ao demonstrar a atualidade do tema

Fez-se, particularmente, uma integração dos conteúdos com o trabalho laboratorial desenvolvido o que serviu como nota introdutória para as apresentações orais que os alunos efetuaram de seguida sobre a sua experiência no laboratório (...)

Aula bem organizada, apresentada com bastante entusiasmo e que denota um profundo conhecimento do tema lecionado, fazendo muito bem a ponte entre o trabalho de investigação desenvolvido e o tema teórico apresentado.

Mais frequentes foram as sugestões e ocorrências registadas de contextualização curricular (N=15), expressas na articulação entre os assuntos a ensinar e aprender e as experiências

quotidianas ou as aplicações possíveis desses mesmos assuntos. Se no caso das ocorrências registadas elas se referem a observações efetivas, já as sugestões remetem para a dimensão sentida como que em falta dessa ideia de contextualização. Isto é, os observadores entenderam que o que faltou naquela aula particular para ser mais eficaz foi uma estratégia de contextualização.

Chamou-me particular atenção a aplicação de exemplos do quotidiano com o objetivo de tornar mais fácil a compreensão dos conteúdos lecionados

Uso de histórias pessoais para ilustrar conteúdo teórico que serve de chamada de atenção numa aula que é relativamente longa

A única sugestão seria a apresentação de um caso prático sobre uma indústria ou empresa onde se aplicassem os conceitos analisados

contextualização		
Observado masculino	5	17%
Observado feminino	8	15%
Observador masculino	3	11%
Observador feminino	10	19%
Outra UO	8	19%
Mesma UO	5	14%

A preocupação pela contextualização não se mostrou elemento notoriamente distinto segundo os casos considerados.

O terceiro descritor considerado foi a articulação curricular, quer aquela que pode exigir-se entre o que já se sabia e o que se leciona, quer aquela que faz aumentar a coerência de um curso porque promove a articulação entre várias UC. Encontrámos 3 referências explícitas a este tipo de práticas nos textos dos observadores.

O cuidado em assegurar que os alunos interpretam adequadamente as citações e apontamentos da aula, com estímulo da reflexão do aluno e da ligação a outras UC e conceitos aprendidos anteriormente.

Relaciona o que expõe com o que os estudantes já aprenderam e / ou com o que vão aprender depois (incluindo o trabalho a fazer para esta UC ou o estágio)

De salientar a referência repetida a aulas anteriores e até a disciplinas lecionadas no 1º semestre que ajudaram a enquadrar e relacionar a matéria lecionada.

Consciencialização dos estudantes;

O estímulo à participação nas aulas e à consciencialização dos estudantes constituiu uma categoria importante nas observações registadas, quer como constatação de que tal preocupação existia, quer como reconhecimento de uma lacuna nas aulas a que os

observadores assistiram. A participação dos estudantes no decurso das aulas tornou-se um objeto central da pedagogia no Ensino Superior, muito por efeito do processo de Bolonha, pelo que tal importância conferida pelos observadores não é estranha. Encontrámos 13 referências dos observadores que consideraram limitada a forma de participação dos estudantes no decurso dos trabalhos das aulas. Às vezes foi a metodologia utilizada que dificultou a participação, outras vezes os constrangimentos resultaram do elevado número de estudantes em sala e outras, ainda, tal resultou da baixa motivação dos estudantes.

A natureza expositiva da aula limita a participação dos alunos.

Julgo ainda que o docente poderia ter insistido mais na componente da interação com os alunos. Por vezes colocava perguntas de forma retórica ao invés de solicitar as respostas aos alunos

O principal obstáculo a ultrapassar é a baixa motivação dos estudantes.

Ao invés, foram 22 as ocorrências registadas de participação efetiva dos estudantes como aspetos a assinalar da aula. As formas assinaladas de promover essa participação são variadas (ainda que nem todos os observadores que se referiram ao assunto as tenham nomeado) mas podem globalmente organizar-se em torno de dois motores: a participação acontece em resposta ao estímulo que as perguntas do professor constituem, ou na aula cria-se um espaço de debate e de reflexão que propicia essa participação. Entre os primeiros casos encontramos os exemplos seguintes:

insiste nas questões mais importantes insiste na necessidade de justificação das opções escolhidas

Comunicação eficiente com os estudantes interpelando-os e dando oportunidade de fazerem eles as perguntas

A realçar desta aula a forma como o docente estimulou o pensamento crítico dos alunos e o modo como os "desafiou" na resolução dos problemas, que foram aparecendo ao longo da realização do trabalho prático, incentivando a reflexão do aluno para a descoberta da solução

São expressão dos segundos, referências como:

Achei que era uma aula que permitia o debate, o desenvolvimento do sentido crítico e a capacidade de trabalho independente dos estudantes.

experiências bem desenhadas que levam os alunos a investigar, descobrir e ser críticos relativamente aos resultados obtidos.

Um inventário das sugestões feitas pelos observadores permite constatar que sete se dirigem especificamente ao incremento da participação dos estudantes, de que é exemplo:

Quando os estudantes colocam dúvidas é importante chamar atenção dos restantes que também podem ser dúvidas deles e devem estar atentos

	participação dos estudantes limitada	consciencialização dos estudantes	incentivo à participação dos estudantes	
Observado masculino	5	17%	6	21%
Observado feminino	8	15%	2	4%
Observador masculino	9	33%	4	15%

observador feminino	4	7%	4	7%	17	31%
Outra UO	6	14%	2	5%	11	26%
Mesma UO	7	19%	6	16%	13	35%

A identificação de uma participação limitada dos estudantes é elemento mais preponderante dos observadores do género masculino. Todavia quando se faz notar a existência de incentivo a essa participação, constata-se ser essa uma categoria importante presente, num terço dos depoimentos de todos os casos considerados.

Reflexão final: Da observação ao observador

Como referido, depois de cada sessão de observação das aulas, os professores observadores e observado reuniam-se novamente para uma reflexão sobre os dados recolhidos. As categorias seguintes centram-se nesse conjunto de textos. Tal como antes, as subcategorias emergiram da análise à posteriori e refletem aquelas que são as dimensões maiores daquela reflexão.

Da Observação:

(1) limitações epistemológicas da grelha

A observação seguiu, como referido, uma estrutura centrada na figura do professor, que foi implicitamente considerado o objeto principal a observar. Tal opção resultou das finalidades últimas da iniciativa que eram as de promover a observação de pares como oportunidade de formação e a de contribuir para uma maior consciencialização sobre o conjunto de decisões curriculares e pedagógicas que cabem ao professor. Dito isto, comprehende-se que a grelha possa não ser ajustada a todos os tipos de aula e escamotear aquelas que são as principais prioridades que o professor valoriza, que correm o risco de ficar ao mesmo nível daquelas que são decisões contingenciais.

Os observadores produziram um conjunto de 21 referências acerca das limitações da grelha de observação que lhes havia sido distribuída. Se a maioria se refere à justificação da impossibilidade de apreciar alguns itens e de os quantificar na escala distribuída, por considerar que na situação observada não tinham cabimento, outros depoimentos referem-se à necessidade de adaptar a grelha ao tipo de aula, por considerarem que a grelha valoriza implicitamente as aulas teóricas em detrimento das práticas ou laboratoriais.

Notamos alguma dificuldade na avaliação de alguns dos itens da grelha.

A aula foi de chat online, pelo que a maior parte dos itens relativos à interação auditiva e visual com os alunos não é aplicável.

Pelo menos um depoimento refere-se à impossibilidade de apreciar a totalidade dos itens numa única aula. O mesmo depoimento refere-se também à interpretação possível que pode ser feita do significado da escala, porquanto pode identificar um formato ideal de aula com a qual todas as situações observadas seriam comparadas.

O instrumento de observação utilizado (GRELHA DE OBSERVAÇÃO) parece, à primeira vista, adequado para as finalidades do projeto. Porém, a sua aplicação torna-se algo difícil quando os observadores se confrontam com seis níveis de graduação. Considerando que as observações realizadas acontecem no espaço-tempo de uma única aula e não num conjunto continuado e articulado de aulas, que a grelha tem 20 unidades de observação distribuídas por 5 grupos consistentes e que a duração média da aula observada oscila entre os 90 e os 120 minutos, o nível "Cumpre totalmente" parece assumir-se como o grau superlativo do desempenho docente. Na opinião dos intervenientes, o nível "Cumpre totalmente" parece não aplicar-se de forma assertiva e competente às finalidades do projeto dado que, dessa forma, vincula cada item a uma tarefa pedagógica que cada docente "deve" idealmente cumprir em cada aula e transforma a grelha, e a conceção pedagógica que a fundamenta, num "caderno de encargos" do docente. Assim, foi reconhecido por todos que cinco níveis de graduação das unidades de observação seriam suficientes para tornar a aplicação da grelha de observação consentânea com a especificidade, inteligibilidade e contexto de cada aula, a saber: "Não cumpre", "Cumpre pouco/mal", "Cumpre", "Cumpre muito/bem" e "Não aplicável".

Apenas uma referência foi produzida para considerar que o instrumento de observação parece adequado para cobrir todas as dimensões das aulas a observar.

(2) O impacto da observação de pares

O impacto da experiência de observação de pares fez-se sentir diretamente nos intervenientes, uma vez que todos foram simultaneamente observadores e observados. Para isso contribuiu a etapa final do modelo – a reflexão final e conjunta que, segundo grande número de depoimentos decorreu em clima franco e aberto de crítica construtiva: os visados aceitaram as críticas construtivas quando era o caso, bem assim como os elogios quando o mereceram. Na generalidade, as apreciações críticas foram sempre bem aceites e consideradas úteis.

A reflexão foi desenvolvida em clima de abertura e diálogo construtivo. A pessoa observada reconhece a utilidade das observações dos colegas e tê-las-á em consideração em aulas futuras

Para além deste efeito direto sobre as práticas dos observados, recolhemos uma significativa quantidade de depoimentos que se referiram à oportunidade de partilhar experiências, debater assuntos pedagógicos com outros colegas e contribuir para a discussão do que são os novos desafios da profissão de professor do ensino superior.

Foi muito interessante ter uma oportunidade de debater assuntos de ensino com colegas.

Discussão final entre observado e observadores foi muito enriquecedora e permitiu a troca de experiências, partilha de metodologias entre membros de diferentes UO. Foram discutidos o papel do professor, o uso de novas tecnologias no processo educativo e foram feitas sugestões mútuas.

o seu interesse não radicaria tanto numa qualquer pretensão de "avaliação" das práticas da docente observada, mas de aprofundamento das diferenças que nos caracterizam, não num plano meramente pessoal (e de "estilo"), mas numa forte articulação, quer com os conteúdos em apreço, quer com uma certa "cultura" docente que caracteriza qualquer escola. É, particularmente no que se refere a este último aspeto, que a partilha entre docentes de diferentes escolas pode sugerir trocas úteis e pertinentes da diversidade de práticas pedagógicas.

Isto é, mais do que a observação de uma prática docente, foi a oportunidade de discutir o seu fundamento e alcance que tornou a experiência apetecível para os participantes.

Foi consensual que o fator menos positivo da aula foi a permissividade relativa aos alunos perturbadores. A partir daqui decorreu uma conversa muito interessante sobre qual a atuação correta de um professor universitário perante alunos universitários: convidar os alunos a saírem da aula? Usar estratégias liceais para os chamar à aula? Se a primeira forma é mais adulta, no seu conceito, e respeitadora dos alunos enquanto sujeitos passíveis de fazerem as suas próprias opções, a segunda pode auxiliar os estudantes, particularmente os mais novos, a integrarem-se nos moldes de funcionamento esperados no Ensino Superior. Esta é talvez uma discussão que importa ter a nível global, no seio da universidade.

De algum modo o impacto da experiência de observação de pares não reside tanto no efeito imediato das práticas melhoradas dos professores intervenientes que já são bons, mas no facto de acharem que podem sempre melhorar e de aceitarem o escrutínio dos pares como um contributo para o desiderato.

Esta constatação mútua levou a discussão final para uma apreciação dos resultados esperados deste projeto. "O ensino observado vai ser de boa qualidade, e muito acima da média da UP!" Todos os docentes envolvidos são voluntários, e só se voluntariaram porque acham que é um assunto importante e porque querem melhorar o seu ensino. Esta atitude, só por si, já é um fator importante na qualidade do ensino superior.

	partilha de experiências	critica construtiva			impacto da observação de pares	
Observado masculino	7	24%	4	14%	10	34%
Observado feminino	15	29%	9	17%	26	50%
Observador masculino	6	22%	4	15%	12	44%
observador feminino	16	30%	9	17%	24	44%
Outra UO	11	26%	8	19%	14	33%
Mesma UO	11	30%	5	14%	22	59%

Uma análise da preponderância destas categorias pelos casos considerados permite constatar que a partilha de experiências é referida em cerca de um terço dos depoimentos, enquanto as referências ao impacto da observação de pares atingem em alguns casos presença superior, como é o caso dos sujeitos oriundos da mesma UO.

Ao Observador:

Considerando a especificidade do modelo de observação de pares utilizado, nomeadamente o seu carácter multidisciplinar, faz algum sentido tentar perceber as dificuldades que o mesmo colocou aos observadores, bem como o impacto que o episódio de observação poderia ter nas suas práticas profissionais. É desse conjunto de descritores que se ocupa este último bloco de dados analisados, coligidos sob o título “ao observador”.

Foram codificadas 4 referências que evidenciaram as dificuldades que o modelo de observação de pares colocou aos professores que pertenciam a outra área de saberes. Os seus depoimentos seguem a mesma tendência de considerar impossível apreciar adequadamente aspectos relativos aos conteúdos quando não se partilha o mesmo campo teórico.

Dificuldade em opinar sobre certos campos quando não se é da área e não se percebeu nada da aula; aula globalmente muito positiva, pelo menos nos seus aspectos mais exteriores

Não é possível responder em consciência às três questões anteriores sem estar por dentro da matéria ensinada.

ressaltou da reflexão final que o docente de uma área afim compreendeu muito melhor as opções teórico-metodológicas e pedagógicas do que o docente de área científica mais distante.

Os itens assinalados como "Não aplicável" em D.1. e D.2. derivam da minha impreparação científica para dominar os conteúdos científicos lecionados. Por essa razão, nada tem a ver com o desempenho da colega observada.

Todavia, o mesmo critério de não pertença e de não domínio serviu a um dos observadores para julgar da clareza da exposição do colega, que lhe foi acessível, *malgré tout*.

A abordagem dos tópicos de forma incremental e parecendo acessível que, embora de uma área muito afastada, nunca perdi o "fio à meada" da exposição. Isto sem perder nada na profundidade dos tópicos lecionados.

Para além disso, encontrámos um depoimento que sintetiza as vantagens epistemológicas do modelo, ao evidenciar os pontos de vista diferentes dos dois observadores em presença e o facto de o modelo assim desenhado, poder enfatizar simultaneamente os dois eixos (pedagógico e científico) que assim ficam mais explícitos.

Observadores de UO distintas "reparam" em diferentes elementos: é útil ter como observadores uma pessoa da própria UO (mais familiarizado com o conteúdo) e uma pessoa de uma UO diferente (o facto de não dominar tanto a matéria é útil porque contribui que preste mais atenção a certos elementos que passam mais despercebidos ao outro observador)

Quando inventariámos a semelhança entre aspetos que caracterizaram as aulas observadas e as práticas do observador contabilizámos 15 referências, e 7 depoimentos que evidenciaram as diferenças. As semelhanças dizem respeito às metodologias e formas de organização das aulas, que os observadores consideraram ser similares em 6 casos, mesmo se pertenciam a áreas científicas diferentes.

Apesar de se tratar de uma unidade orgânica diferente, as estratégias pedagógicas são semelhantes.

Penso que existem semelhanças com a forma como eu também oriento a minha aula.

A principal semelhança com as minhas próprias aulas é o questionamento constante dos alunos, induzindo-os à reflexão e avaliando, através do conteúdo das respostas, o grau de compreensão da matéria.

Dois dos depoimentos referem-se especificamente às aulas que decorrem em situação laboratorial

Entre os três docentes, de áreas diferentes, constatamos que as boas práticas de ensino laboratorial são semelhantes.

Existe outra preocupação comum reconhecida pelos observadores e que se refere à importância de promover a participação dos estudantes, facto que é reconhecido em 6 depoimentos.

No entanto, um ponto em comum é o do constante incentivo à participação dos estudantes.

Finalmente, também a necessidade de lidar com o comportamento distrativo e barulhento de alguns estudantes é outra das semelhanças que os observadores referem, sendo que, neste caso, alguns consideram ter outras estratégias e regras para lidar com o problema.

Apenas uma sugestão relativamente ao comportamento de alguns estudantes: eu não permito a entrada e saída constante da aula porque parece-me que perturba o normal funcionamento

O último descritor considerado, diz respeito à influência que a experiência de observação de pares teve nas práticas do observador. Sendo difícil de separar o efeito da observação do efeito de ser observado, uma vez que todos o foram simultaneamente, constatamos que dos 11 depoimentos codificados relevam efeitos mais gerais, que podemos considerar de toda a experiência, e efeitos mais específicos que resultaram da observações realizadas e não das que se foi alvo.

Entre as primeiras, as que se referem a aspetos mais gerais, registamos a ideia de constituir uma forma de evolução profissional de todos os participantes, que congrega os depoimentos desta subcategoria.

O conhecimento e a harmonia que foi conseguida pelo grupo e a troca de ideias proporcionadas, permitiu uma reflexão que ajuda a uma evolução de todos os intervenientes do grupo.

Foi uma experiência muito importante assistir à prática pedagógica de outro colega, na medida em que me fez pensar na possibilidade de melhorar alguns aspetos, independentemente de ter apreciado muito positivamente o que vi.

Num outro conjunto de depoimentos é possível reconhecer influências mais diretas, quer ao nível do questionamento sobre aspetos particulares, quer ao nível da sugestão de modificação de recursos e técnicas pedagógicas.

Gostei particularmente dos slides utilizados, que me deram ideias para modificar os meus. A técnica de apresentação, nomeadamente a forma como gere slides e escrita no quadro, é interessante, e permitiu-me tirar ideias que poderei vir a utilizar.

Aula 'excessivamente' expositiva. Estar 'de fora' ajuda-me a refletir sobre se esta mesma questão não se aplicará nas minhas aulas e como poderá ser ultrapassada.

A observação de uma aula prática permitiu-me estabelecer paralelos entre a minha própria prática docente, nomeadamente permitiu-me considerar formas alternativas de avaliação, um dos problemas postos por disciplinas com componente laboratorial e frequentadas por elevado número de alunos.

4.3. Conclusões da Análise dos Dados

A tendência geral dos scores atribuídos pelos observadores é a de valorizar a existência de evidências que vão no sentido do reconhecimento do cumprimento bom e total dos itens- por isso os incumprimentos são mínimos. De forma complementar, também as referências tratadas são sobretudo de tendência positiva. Isso explica-se, em parte pelo facto de todos os

participantes serem voluntários e, mais do que isso, estarem genuinamente interessados na iniciativa como forma de melhorar as suas práticas, que naturalmente, já são boas.

A atribuição do *score* “não aplicável” é maior nos dois itens seguintes: usa notas de forma sóbria (dimensão – exposição) e muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada. Para além destas circunstâncias de menor aplicabilidade dos itens da grelha e de alguns observadores terem considerado que o instrumento usado não faz jus à dimensão variada das aulas em presença e, ainda, que pode ser tendenciosa na aplicação da escala, consideramos que os dados recolhidos e tratados são fidedignos.

A análise factorial permitiu organizar os itens em 6 componentes. Os dois primeiros, que agrupam os itens mais conotados com a dimensão da ação e do controle do professor, e com a intervenção dos estudantes, obtiveram entre si diferenças estatisticamente significativas. A conclusão desta diferença é a de que as observações evidenciaram uma maior valorização dos itens relativos à ação do professor do que aqueles que dizem respeito ao trabalho do estudante. Essa constatação também explica porque o estímulo à participação nas aulas e à consciencialização dos estudantes constituiu uma categoria importante nas observações registadas, quer como constatação de que tal preocupação existia, quer como reconhecimento de uma lacuna nas aulas a que os observadores assistiram, que importa contrariar.

O impacto da experiência de observação de pares fez-se sentir diretamente nos intervenientes, uma vez que todos foram simultaneamente observadores e observados. Para isso contribuiu a etapa final do modelo – a reflexão final e conjunta que, segundo grande número de depoimentos, decorreu em clima franco e aberto de crítica construtiva: os visados aceitaram as críticas construtivas quando era o caso, bem assim como os elogios quando o mereceram. Na generalidade, as apreciações críticas foram sempre bem aceites e consideradas úteis. Para além deste efeito direto sobre as práticas dos observados, recolhemos uma significativa quantidade de depoimentos que se referiram à oportunidade de partilhar experiências, debater assuntos pedagógicos com outros colegas e contribuir para a discussão do que são os novos desafios da profissão de professor do ensino superior. Ficou, também, afastado algum receio, porventura persistente, de que o projeto servisse outros fins que não o de contribuir para a formação dos intervenientes enquanto docentes do Ensino Superior. Esse foi, sem sombra de dúvida o mais importante resultado do projeto de observação de pares.

5. Desenvolvimentos Futuros

Atendendo à forte adesão dos docentes ao programa de observação de aulas, a satisfação demonstrada na sessão de resultados e aos resultados alcançados com a análise das grelhas de observação, é possível afirmar que o programa de observação de aulas reúne as condições para se tornar uma excelente ação de formação da U.Porto.

O modelo organizativo que foi posto em prática revelou-se robusto e eficiente, mas pode ser melhorado. Da experiência agora conseguida torna-se claro que se deve evitar acumular na mesma pessoa vários cargos, nomeadamente o de Interlocutor de UO e de Coordenador de Quarteto. Desta forma, será possível evitar as sobrecargas de tempo que a acumulação de cargos implica.

Por forma a melhorar a comunicação entre todos, é recomendado que em futuras edições do programa se utilize uma plataforma *online*, por exemplo o *moodle*, por forma a centralizar no mesmo sítio toda a informação necessária. Na mesma plataforma será possível criar um sistema de lembretes para recordar os docentes das tarefas que têm de cumprir e os prazos.

Atendendo ao carácter formativo deste programa, considera-se aconselhável manter o regime de voluntariado dos participantes. Se por um lado, este sistema não abrange aqueles docentes que têm maior dificuldade nas práticas pedagógicas, por outro garante que os participantes estarão mais envolvidos e abertos a sugestões de melhorias das suas práticas pedagógicas.

6. Conclusões

Neste relatório foi apresentado o programa de observação de aulas em parceria da Universidade do Porto “De Par em Par na U.Porto”, que teve lugar durante o segundo semestre do ano letivo 2010/2011 e envolveu a participação de 60 docentes de 11 Unidades Orgânicas (UO) da U.Porto.

O relatório apresenta o modelo organizativo que foi adotado para a operacionalização do programa, que incluiu a criação de três níveis de atores: a) uma Central de Observação responsável pelo acompanhamento e execução do programa, b) um conjunto de Interlocutores das Unidades Orgânicas que atuaram como representantes do programa dentro das próprias Unidades Orgânicas e c) os docentes participantes, como Observadores/Observados, na observação de aulas.

O modelo de observação de aulas em parceria escolhido foi o testado anteriormente nos anos letivos 2008/09 e 2009/2011, envolvendo docentes da Faculdade de Engenharia e da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Este modelo tem por base a formação de quartetos de docentes, compostos por dois docentes de uma Unidade Orgânica e dois docentes de uma Unidade Orgânica parceira. Cada docente é observado uma vez e observa as aulas dois outros docentes: um da própria UO e outro da UO parceira. Desta forma, cada observação inclui um docente de uma área científica próxima à do docente observado, permitindo melhor contextualizar a observação. Por outro lado, este modelo permite a partilha de experiências entre docentes de UO e áreas científicas muito diferentes, o que normalmente não acontece, pese embora o carácter enriquecedor que esta partilha envolve.

O programa de trabalhos seguido iniciou-se no primeiro semestre com a divulgação do programa, continuou no segundo semestre com as observações de aulas em 10 Unidades Orgânicas da U.Porto e terminou com a Sessão de Apresentação de Resultados no final do segundo semestre, onde se apresentou a análise quantitativa que se apresentou na Secção 4.1. Esta sessão permitiu a reunião de todos os participantes, promoveu a troca de experiências vividas e abriu a possibilidade aos participantes de proporem alterações e melhorias ao programa de observação de aulas. O sentimento reinante durante toda a sessão revelou um forte interesse dos participantes pelos efeitos positivos atingidos e pela continuação do programa.

Os resultados que se apresentaram no Capítulo 4 revelam que, pese a amostra fosse marcadamente composta por docentes femininos, os resultados não apresentam desvios decorrentes do processo de amostragem. De forma genérica, as competências pedagógicas dos docentes observados foram classificadas positivamente, para isso tendo contribuído o carácter voluntário do programa. Para além de algumas circunstâncias de menor aplicabilidade dos itens da grelha e de alguns observadores terem considerado que o instrumento usado não faz jus à dimensão variada das aulas em presença e, ainda, que pode ser tendenciosa na aplicação da escala, consideramos que os dados recolhidos e tratados são fidedignos. Para além do efeito direto sobre as práticas dos observados, recolhemos uma significativa quantidade de depoimentos que se referiram à oportunidade de partilhar experiências,

debater assuntos pedagógicos com outros colegas e contribuir para a discussão do que são os novos desafios da profissão de professor do ensino superior. Ficou, também, afastado algum receio, porventura persistente, de que o projeto servisse outros fins que não o de contribuir para a formação dos intervenientes enquanto docentes do Ensino Superior. Esse foi, sem sombra de dúvida, o mais importante resultado do projeto de observação de pares.

Finalmente, conclui-se, pelo que foi anteriormente exposto, que é do interesse dos docentes da Universidade do Porto a continuação do programa de observação de aulas em parceria, se possível estendendo-o às restantes Unidades Orgânicas. O regime de voluntariado que foi utilizado apresentou-se como uma mais-valia do programa, permitindo uma efetiva abertura dos docentes à observação da sua prática letiva, e por isso deve ser continuado.

Os autores consideram que estão, assim, reunidas as condições para a implementação sistemática de um programa de observação de aulas na Universidade do Porto, com vista à melhoria das práticas pedagógicas, daí resultando mais-valias pessoais e institucionais.

Porto, 7 de Setembro de 2011

João Pedro Pêgo

(Professor Auxiliar da FEUP)

Ana Mouraz

(Doutora em Ciências da
Educação – FPCEUP)

Anexos

A. Grelha de Observação

GRELHA DE OBSERVAÇÃO - 2010/2011-2S

Unidade Orgânica (UO) do
Observador e do Observado:

mesma UO
UO diferentes

Observador: Feminino
Observado: Feminino

Masculino
Masculino

A. ORGANIZAÇÃO	Não cumpre	Cumpre pouco/mal	Cumpre	Cumpre muito/bem	Cumpre totalmente	Não aplicável
1. Começa por sumariar brevemente o ponto de chegada da aula anterior						
2. Identifica no início os principais objectivos da aula						
3. Organiza a aula de maneira que a relação entre os objectivos e as actividades seja clara						
4. Usa bem o tempo, realçando o que é mais importante e evitando digressões desnecessárias						
5. Fecha a aula com a discussão do trabalho realizado e/ou futuro						

Outros registo de interesse (opcional):

B. EXPOSIÇÃO	Não cumpre	Cumpre pouco/mal	Cumpre	Cumpre muito/bem	Cumpre totalmente	Não aplicável
1. Fala de forma perceptível, com volume suficiente e velocidade adequada						
2. Usa lembretes de forma sóbria						
3. Tem contacto visual com os estudantes ao longo da sala						
4. Move-se pela sala e usa gestos e movimentos corporais adequadamente						
5. Usa de forma efectiva o quadro, o projector, material de apoio (e.g. textos) e audio-visuais						

Outros registo de interesse (opcional):

C. CLIMA DE TURMA	Não cumpre	Cumpre pouco/mal	Cumpre	Cumpre muito/bem	Cumpre totalmente	Não aplicável
1. Encoraja uma atmosfera positiva de respeito mútuo						
2. Mostra entusiasmo pelo assunto da aula e faz os estudantes quererem aprender						
3. Encoraja e é responsável à participação dos estudantes						
4. Faz notar ou aprecia a compreensão de conceitos ou mestria de habilidades dos estudantes						

Outros registos de interesse (opcional):

D. CONTEÚDO	Não cumpre	Cumpre pouco/mal	Cumpre	Cumpre muito/bem	Cumpre totalmente	Não aplicável
1. Mostra que domina a matéria e/ou as competências a desenvolver						
2. Cria expectativas que são simultaneamente razoáveis e desafiadoras						
3. Encoraja o pensamento independente, crítico ou reflexivo						

Outros registos de interesse (opcional):

E. CONSCIÊNCIA E FLEXIBILIDADE	Não cumpre	Cumpre pouco/mal	Cumpre	Cumpre muito/bem	Cumpre totalmente	Não aplicável
1. Comunica efectivamente ao nível dos estudantes particulares envolvidos						
2. Pergunta ou usa outras estratégias para confirmar a compreensão do estudante						
3. Muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada						

Outros registos de interesse (opcional):

OUTRAS CONSIDERAÇÕES	APRECIAÇÃO SOBRE A REFLEXÃO FINAL CONJUNTA
<p>QUESTÕES ORIENTADORAS</p> <p><i>O que me chama particularmente a atenção na aula?</i> <i>Que perguntas gostaria de fazer ao/à meu/minha colega?</i> <i>Que semelhanças ou diferenças encontro entre a prática observada e a minha própria prática?</i> <i>Tenho alguma sugestão a fazer?</i></p>	

B. Linha Temporal

C. Lista de Perguntas Frequentes (FAQ)

De Par em Par na U.Porto

Esta lista de perguntas frequentes pretende responder a algumas das dúvidas que, naturalmente, podem surgir a quem toma contacto, pela primeira vez, com o programa de observação de aulas em parceria “De Par em Par na U.Porto”. Esperamos, com ela, facilitar o entendimento e promover a adesão ao programa. Dada a sua natureza, esta é uma lista em contínua expansão.

Contactos

Laboratório de Ensino e Aprendizagem

“De Par em Par na U.Porto”

Coordenador Geral: Prof. João Pedro Pêgo

Email: jppego@fe.up.pt

[Lista de perguntas frequentes](#)

P1	O que é o programa de observação de aulas em parceria “De Par em Par na U.Porto”?
R1	É uma acção de formação multidisciplinar, voluntária, de anonimato e confidencialidade garantidos , dirigida aos docentes da U.Porto. A observação de aulas em parceria baseia-se no conceito de “amigo crítico”, em que os observadores são, igualmente, docentes da U.Porto.

P2	Quem organiza e promove o programa de observação de aulas em parceria “De Par em Par na U.Porto”?
R2	O programa é uma iniciativa do Laboratório de Ensino e Aprendizagem (LEA) da FEUP/FPCEUP, com o apoio da Reitoria e dos Conselhos Pedagógicos das Unidades Orgânicas (UO) da U.Porto. O programa de observação de aulas é uma acção de formação dos docentes para os docentes , que já teve três edições anteriores (2º semestre de 2008/09 e 1º e 2º semestres de 2009/10), limitadas a docentes da FEUP e da FPCEUP.

P3	Quais são os objectivos do programa de observação de aulas em parceria “De Par em Par na U.Porto”?
R3	Os objectivos principais do programa são, a nível individual , os de melhorar a prática lectiva dos docentes através a) das observações das suas aulas e b) da sensibilização pedagógica que resulta da actividade como observador. A nível institucional os objectivos principais são a) caracterizar a prática lectiva nas instituições e b) identificar necessidades de formação.

P4	O programa de observação de aulas em parceria “De Par em Par na U.Porto” está inserido na avaliação de desempenho de docentes?
R4	Não. O programa de observação de aulas funciona de forma anónima e confidencial , pelo que não é possível identificar um docente pela sua grelha de observação.

P5	Quem pode participar no programa de observação de aulas em parceria “De Par em Par na U.Porto”?
R5	Todos os docentes das UO podem participar, voluntariamente, neste programa.

P6	Como funciona a observação de aulas em parceria?
R6	A observação de aulas em parceria é feita por docentes de duas Unidades Orgânicas (UO) organizados em quartetos (dois docentes de cada UO). Cada docente de um quarteto é observado durante uma aula e observa as aulas de outros dois docentes do quarteto (um docente da sua própria UO e outro da UO parceira).

Local	Observado	Observador 1	Observador 2
UO 1	A	B	C
UO 1	B	A	D
UO 2	C	A	D
UO 2	D	B	C

Quarteto formado pelos docentes A e B da UO 1 e C e D da UO 2.

P7	Como está organizado o programa de observação de aulas em parceria “De Par em Par na U.Porto”?
R7	O programa de observação de aulas em parceria é organizado e promovido pelo LEA, através do Coordenador Geral . A Central de Observação , liderada pelo Coordenador Geral, está encarregue de garantir que o programa se desenvolve de forma eficiente e no calendário previsto. Em cada UO foi nomeado um Interlocutor que divulga e promove o programa na sua instituição. É ele que gera a comunicação entre o Coordenador Geral e os docentes. Os participantes no programa estão agrupados em duetos de docentes.

```

graph TD
    UPORTO[U.PORTO  
REITORIA  
Conselhos  
Pedagógicos] --- CG[Coordenador  
Geral]
    UPORTO --- CO[Central de  
Observação]
    CG --- I1[Interlocutor UO1]
    CG --- I2[...]
    CG --- In1[Interlocutor UO14]
    CO --- I1
    CO --- I2
    CO --- In1
    I1 --- D1[Duetos 1]
    I1 --- D2[Duetos 2]
    I1 --- Dots1[...]
    I2 --- Dots2[...]
    In1 --- Dn1[Duetos n-1]
    In1 --- Dn[Duetos n]
  
```

P8	Quando funciona a observação de aulas em parceria?
R8	A observação de aulas em parceria já teve três edições anteriores (2º semestre de 2008/09 e 1º e 2º semestres de 2009/10), limitadas a docentes da FEUP e da FPCEUP. A aplicação do programa a todas as UOs da U.Porto decorrerá no segundo semestre do ano lectivo 2010/11 , previsivelmente, entre meados de Fevereiro e final de Abril de 2011 . Mediante a experiência ganha nesta edição o programa será, progressivamente, alargado a todos os docentes da U.Porto nos próximos anos lectivos .
P9	Quanto tempo é preciso reservar para a observação de aulas em parceria?
R9	A observação de aulas em parceria inclui três momentos. Antes da observação da aula, observado e observadores reúnem-se para a entrega de elementos necessários à contextualização da aula a observar (ficha de unidade curricular, plano das aulas, etc). Durante a observação da aula, os observadores preenchem uma grelha de observação com várias perguntas. Depois da observação da aula o observado e os observadores reúnem-se para a reflexão conjunta das grelhas de observação. Os três momentos podem ser juntos.
P10	Quem escolhe os duetos de docentes de cada UO?
R10	Os duetos de docentes serão comunicados pelo Interlocutor de cada UO ao Coordenador Geral. Os docentes podem, todavia, inscrever-se no programa de observação de aulas em parceria com um par da sua escolha.
P11	Os duetos de docentes têm de ser da mesma categoria?
R11	Não há qualquer limitação à categoria dos docentes nos duetos.
P12	Quem escolhe a aula a ser observada?
R12	É o próprio docente obervado que escolhe qual a aula que quer ver observada. Não há restrições relativas às unidades curriculares.
P13	Como é possível observar uma aula de uma área científica muito diferente?
R13	A grelha de observação foca dimensões pedagógicas transversais a todas as áreas de ensino e científicas como, por exemplo, se o docente usa um volume de voz adequado ou se utiliza adequadamente o quadro. Não há qualquer problema para a observação se o observador for de uma área científica muito diferente da do observado.
P14	Porque é que a observação de aulas é feita em parceria entre várias UO U.Porto?
R14	A partilha de experiências pedagógicas entre docentes de várias UO permite o intercâmbio de culturas académicas e profissionais que variam muito de instituição para instituição. Desta forma os docentes poderão observar a forma de leccionar de outros docentes e, por esta via, aprender novas formas de ensinar.

P15	Que tipo de aulas pode ser observada?
R15	Quase todo o tipo de aulas pode ser observado. O programa de observação de aulas em parceria é aplicável a aulas em que durante uma parte significativa da mesma haja exposição do assunto pelo docente. Aulas em que tal não se verifique podem ser observadas, com as devidas reservas. Haverá aulas como, por exemplo, aulas de prática clínica, em que não se recomenda a observação de aulas.

P16	A continuação no programa de observação de aulas é obrigatória?
R16	A observação de aulas em parceria é voluntária, pelo que um docente que participe nesta edição pode não o fazer na próxima. Um docente pode optar, também, através da participação em diferentes edições, por observar aulas em várias UO.

P17	A quem se devem dirigir os participantes quando tiverem dúvidas?
R17	As dúvidas devem ser dirigidas, primordialmente, ao interlocutor da sua UO.

D. Material de Apoio

- Guia do Interlocutor da Unidade Orgânica
- Guia do Coordenador de Quarteto

De Par em Par na U.Porto

Guia do Interlocutor da Unidade Orgânica

Este guia tem como propósito apoiar os Interlocutores das Unidades Orgânicas (UO) na condução do programa de observação de aulas em parceria “De Par em Par na U.Porto”, dentro da sua UO.

Os principais objectivos do Interlocutor da UO são:

1. Divulgar o programa de observação de aulas em parceria dentro da sua UO

A divulgação pode ser feita a todo o corpo docente ou a um grupo restrito de docentes. Pode ser realizada num evento, através de uma sessão de apresentação ou via email. O Coordenador Geral (Prof. João Pedro Pêgo) está disponível para participar nos eventos que o Interlocutor da UO considerar oportuno.

2. Dinamizar o programa de observação de aulas em parceria dentro da sua UO

O sucesso do programa depende, em grande medida, da motivação dos participantes, bem como no reconhecimento do seu esforço. Para além de ajudar ao arranque do programa de observação de aulas, os Interlocutores podem colaborar com o Coordenador Geral na divulgação dos resultados e na organização de eventos de partilha de experiências pedagógicas.

3. Recrutar e/ou seleccionar os docentes participantes

Na selecção dos participantes, cabe ao Interlocutor da UO atender às circunstâncias específicas dos docentes.

O Coordenador Geral agradece que os Interlocutores das UO lhe indiquem quais os docentes mais motivados para serem Coordenadores de Quarteto.

Listas de tarefas

Abaixo encontra-se reunida a lista de tarefas a cumprir pelo Interlocutor da UO.

✓	Tarefa	Data limite
	Divulgação aos docentes	até 14/01/2011
	Seleção dos participantes	até 31/01/2011
	Divulgação de resultados/Partilha de experiências	Junho/Julho de 2011

Contactos

Laboratório de Ensino e Aprendizagem

“De Par em Par na U.Porto”

Coordenador Geral:

Prof. João Pedro Pêgo | jppego@fe.up.pt | **22 508 1900**

De Par em Par na U.Porto

Guia do Coordenador de Quarteto

Este guia tem como propósito apoiar os Coordenadores na condução do seu quarteto no programa de observação de aulas em parceria “De Par em Par na U.Porto”.

Os principais objectivos do Coordenador de Quarteto são:

1. Dinamizar o grupo

O Coordenador é responsável por garantir a progressão da observação de aulas dentro do seu quarteto. A sua primeira tarefa será contactar os restantes participantes e definir quais os duetos de observação e as aulas a serem observadas.

2. Organizar as datas das observações

O Coordenador terá de marcar o momento de encontro ANTES da observação, para a troca dos elementos de contextualização das observações.

Outra tarefa importante é definir e organizar, de forma clara e acessível a todos (p.e., num ficheiro Excel ou no Google Calendar), as datas, horas e locais das observações.

3. Recolher e transmitir, garantindo a sua confidencialidade, as grelhas de observação

Na eventualidade de as grelhas serem entregues à Central de Observação em papel, o Coordenador de Quarteto velará pela confidencialidade dos participantes.

Listas de tarefas

Abaixo encontra-se reunida a lista de tarefas a cumprir pelo Coordenador de Quarteto.

✓	Tarefa	Data limite
	Contactar os restantes membros	
	Organizar as datas e locais das observações	
	Momento ANTES da observação	até 11/03/2011
	Observação de aulas (DURANTE e DEPOIS)	até 11/04/2011
	Recolha e envio das grelhas de observação	até 29/04/2011

Contactos

Laboratório de Ensino e Aprendizagem

“De Par em Par na U.Porto”

Coordenador Geral:

Prof. João Pedro Pêgo | jppego@fe.up.pt | **22 508 1900**

E. Sessão de Apresentação de Resultados

- Programa
- Apresentação do Professor João Pedro Pêgo
- Apresentação da Doutora Ana Mouraz
- Apresentação da Professora Amélia Lopes
- Posters

De Par em Par na U.Porto

Encontro de Participantes - 17 de Junho de 2011

Salão Nobre da Reitoria da U.Porto

9:30 – Sessão de Abertura

Vice-Reitora da U.Porto – Professora Maria de Lurdes Correia Fernandes

9:45 - "De Par em Par na U.Porto" – Operacionalização e execução

Prof. João Pedro Pêgo - FEUP

10:15 - "De Par em Par na U.Porto" - Apresentação dos principais resultados

Drª Ana Mouraz - FPCEUP

10:45 - Pausa para café e visita aos posters

11:15 – Análise e reflexão sobre os resultados do "De Par em Par na U.Porto" no contexto internacional dos programas "peer-review of teaching"

Profª Amélia Lopes - FPCEUP

11:45 - Mesa redonda

Presidente: Prof. José Martins Ferreira - FEUP

12:30 - Encerramento

De Par em Par na U.Porto

Operacionalização e execução

J. P. Pêgo

17 de Junho de 2011

Observação de aulas em parceria: Definição

- Ação de formação multidisciplinar
- Voluntária
- Anonimato e confidencialidade garantidos
- Não se insere na avaliação de desempenho
- Baseada no conceito de “amigo crítico”

17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(2)

Observação de aulas em parceria: Objectivos principais

Efeito imediato

- Individuais:
 - Melhorar a prática letiva através:
 - a) do feedback recebido pelo observado;
 - b) da sensibilização pedagógica que resulta da atividade como observador.

Tratamento estatístico -> tendências

- Institucionais:
 - caracterizar a prática letiva nas instituições;
 - identificar necessidades de formação.

Observação de aulas em parceria: Organização

- Funcionamento em quartetos:

Local	Observado	Observador UO 1	Observador UO 2
UO 1	A	B	C
UO 1	B	A	D
UO 2	C	A	D
UO 2	D	B	C

A e B docentes da UO1

C e D docentes da UO2

- O coordenador do quarteto
 - dinamiza o grupo;
 - organiza as datas para as observações;
 - recolhe os materiais decorrentes da observação e assegura a confidencialidade.

Observação de aulas em parceria: Esquema temporal da observação

Antes



Durante



Depois



17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

{ 5 }

Observação de aulas em parceria: Grelha de observação



LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

GRELHA DE OBSERVAÇÃO - 2010/2011-2S

Unidade Orgânica (UO) do
Observador e do Observado:

mesma UO
UO diferentes

Observador: Feminino
Observado: Feminino

Masculino
Masculino

A. ORGANIZAÇÃO	Não cumpre	Cumpre pouco/mal	Cumpre	Cumpre muito/bem	Cumpre totalmente	Não aplicável
1. Começa por sumariar brevemente o ponto de chegada da aula anterior						
2. Identifica no início os principais objectivos da aula						
3. Organiza a aula de maneira que a relação entre os objectivos e as actividades seja clara						
4. Usa bem o tempo, realçando o que é mais importante e evitando digressões desnecessárias						
5. Fecha a aula com a discussão do trabalho realizado e/ou futuro						

Outros registos de interesse (opcional):

B. EXPOSIÇÃO	Não cumpre	Cumpre pouco/mal	Cumpre	Cumpre muito/bem	Cumpre totalmente	Não aplicável
1. Fala de forma perceptível, com volume suficiente e velocidade adequada						
2. Usa lembretes de forma sóbria						
3. Tem contacto visual com os estudantes ao longo da sala						
4. Move-se pela sala e usa gestos e movimentos corporais adequadamente						
5. Usa de forma efectiva o quadro, o projector, material de apoio (e.g. textos) e audio-visuais						

Outros registos de interesse (opcional):

De Par em Par na U.Porto [2010 / 2011]

17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

{ 6 }

Observação de aulas em parceria: Grelha de observação



LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

C. CLIMA DE TURMA

- 1. Encoraja uma atmosfera positiva de respeito mútuo
- 2. Mostra entusiasmo pelo assunto da aula e faz os estudantes quererem aprender
- 3. Encoraja e é responsável à participação dos estudantes
- 4. Faz notar ou aprecia a compreensão de conceitos ou mestria de habilidades dos estudantes

Não cumpre	Cumpre pouco/mal	Cumpre	Cumpre muito/bem	Cumpre totalmente	Não aplicável

Outros registo de interesse (opcional):

D. CONTEÚDO

- 1. Mostra que domina a matéria e/ou as competências a desenvolver
- 2. Cria expectativas que são simultaneamente razoáveis e desafiadoras
- 3. Encoraja o pensamento independente, crítico ou reflexivo

Não cumpre	Cumpre pouco/mal	Cumpre	Cumpre muito/bem	Cumpre totalmente	Não aplicável

Outros registo de interesse (opcional):

E. CONSCIÊNCIA E FLEXIBILIDADE

- 1. Comunica efectivamente ao nível dos estudantes particulares envolvidos
- 2. Pergunta ou usa outras estratégias para confirmar a compreensão do estudante
- 3. Muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada

Não cumpre	Cumpre pouco/mal	Cumpre	Cumpre muito/bem	Cumpre totalmente	Não aplicável

Outros registo de interesse (opcional):

Observação de aulas em parceria: Grelha de observação



LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

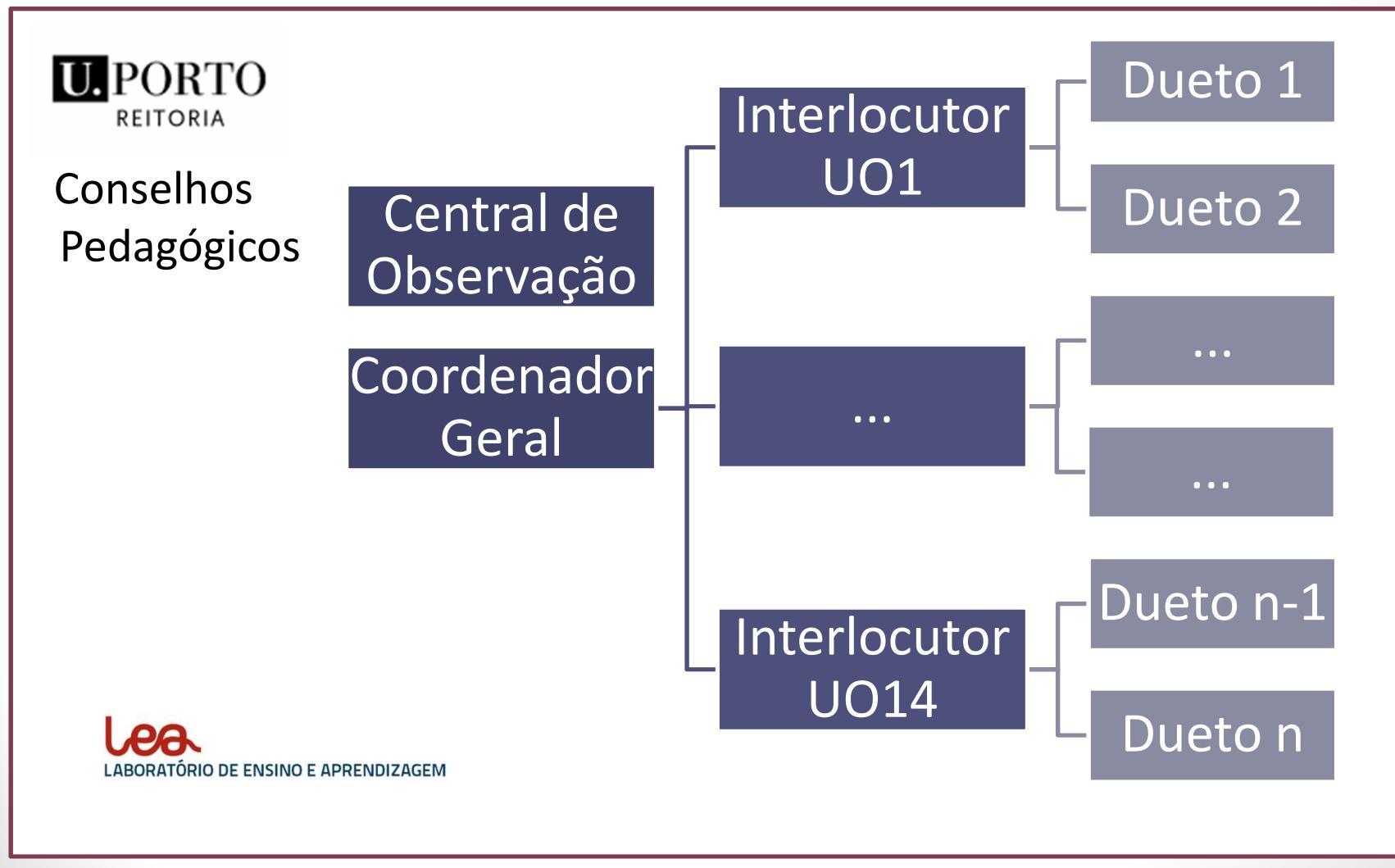
OUTRAS CONSIDERAÇÕES

QUESTÕES ORIENTADORAS

O que me chama particularmente a atenção na aula?
Que perguntas gostaria de fazer ao/à meu/minha colega?
Que semelhanças ou diferenças encontro entre a prática observada e a minha própria prática?
Tenho alguma sugestão a fazer?

APRECIAÇÃO SOBRE A REFLEXÃO FINAL CONJUNTA

De Par em Par na U.Porto: Organograma



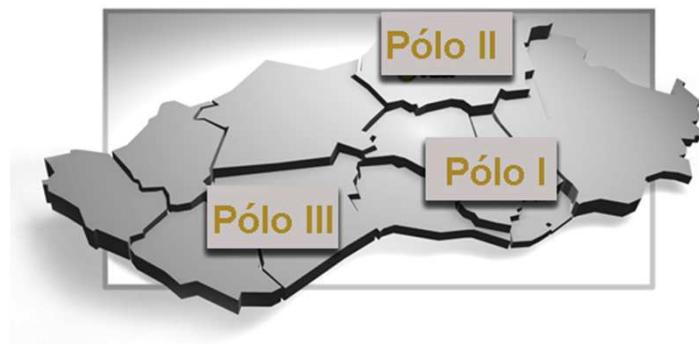
17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(9)

De Par em Par na U.Porto: Unidades Orgânicas

Pólo I	Pólo II	Pólo III
F. Belas Artes ✓	F. C. da Nutrição e Alimentação✓	F. Arquitectura
F. Direito	F. Desporto ✓	F. Ciências ✓
F. Farmácia ✓	F. Economia ✓	F. Letras ✓
ICBAS	F. Engenharia ✓	
	F. Medicina ✓	
	F. Medicina Dentária ✓	
	F. Psicologia e C. da Educação ✓	



17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(10)

De Par em Par na U.Porto: Linha temporal

Tarefa	Intervenientes	Out	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	<th>Junho</th> <th>Julho</th>	Junho	Julho
Manifestação de interesse pelas UO, nomeando o seu interlocutor.	Interlocutores das UO		■								
Transmissão do material de divulgação à Observação de Pares.	Interlocutores das UO; Coordenador Geral		■	■							
Divulgação do programa de observação de pares pelos docentes das UO.	Interlocutores das UO		■	■	■						
Férias de Natal				■	■						
Escolha dos participantes e constituição dos duetos.	Interlocutores das UO				■	■					
Constituição dos quartetos.	Coordenador Geral					■					
Calendarização das aulas observadas e contextualização da observação.	Coordenadores dos Quartetos; Docentes					■	■				
Observação das aulas.	Docentes							■			
Reenvio das cópias das grelhas de observação para a central de observação.	Coordenadores dos Quartetos						■	■			
Férias da Páscoa								■			
Semana da Queima								■	■		
Tratamento dos resultados e preparação do relatório final.	Coordenador Geral; Central de Observação							■	■		
Divulgação dos resultados da observação pelas UO.	Coordenador Geral; Interlocutores das UO								■	■	
1º Semestre						2º Semestre					

17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(11)

De Par em Par na U.Porto: Sumário

- 60 participantes
- 10 Unidades Orgânicas
- 54 observações realizadas (90 %)
- 93 grelhas de observação recolhidas (86%)
- Inquéritos online (limesurvey)

17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(12)

De Par em Par na U.Porto: O que correu bem

- Envolvimento das Unidades Orgânicas
- Interlocutores das UO/Coordenadores de Quarteto
- Sessões de esclarecimento
- Listas de perguntas frequentes (FAQ)
- Informações regulares, em número limitado
- Inquéritos online
- Comunicação rápida

17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

De Par em Par na U.Porto: O que não correu (tão) bem

- Atrasos de comunicação
- Informação incompleta
- Aulas não observáveis
- Implementação tardia dos inquéritos online
- Descoordenação de alguns quartetos
- Sobrecarga de tempo
- Inexistência de uma plataforma online própria

17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(14)

De Par em Par na U.Porto: Must the show go on?

- Envolver restantes UO ?
- Tão poucos voluntários. Porquê?
- O que fazer para atrair mais participantes?
- Saturação dos voluntários: Voluntário/Obrigatório?
- Exportar o modelo para outras universidades?

17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

De Par em Par na U.Porto: Contactos

- Laboratório de Ensino e Aprendizagem
- João Pedro Pêgo
- jppego@fe.up.pt

www.fe.up.pt/lea

17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(16)

De Par em Par na U.Porto

Apresentação dos principais resultados

Ana Mouraz

17 de Junho de 2011

De Par em Par na U.Porto: Resultados

- Os resultados dizem respeito aos dados quantitativos recolhidos através das fichas de observação recolhidas, num total de 95 e que correspondem, grosso modo, a cerca de 48 observadores, que preencheram 2 fichas cada, uma por cada uma das observações realizadas.
- Os dados recolhidos apenas permitem identificar, no que às variáveis independentes diz respeito, o género do observador e do observado e a pertença, ou não, do observador à mesma Unidade Orgânica que o observado.

Observador

Observador: * Unidade Orgânica (UO) do Observador e do Observado

Observador:		Count	Unidade Orgânica (UO) do Observador e do Observado:		Total
			mesma Unidade Orgânica	Unidades Orgânicas diferentes	
Feminino	Count	30	33	63	
		31,6%	34,7%	66,3%	
	Count	18	14	32	
		18,9%	14,7%	33,7%	
Total	Count	48	47	95	
		50,5%	49,5%	100,0%	

- $\chi^2 = 0.632$ – logo não é relevante, pelo que se pode concluir pela hipótese nula – Não há diferenças.

17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(3)

Observado

Observado: * Unidade Orgânica (UO) do Observador e do Observado

		Unidade Orgânica (UO) do Observador e do Observado:		Total
Observado:	Feminino	mesma Unidade Orgânica	Unidades Orgânicas diferentes	
		Count	31	62
		% of Total	32,6%	65,3%
	Masculino	Count	17	33
		% of Total	17,9%	34,7%
	Total	Count	48	95
		% of Total	50,5%	100,0%

- $\chi^2 = 0.02$ - logo não é relevante, pelo que se pode concluir pela hipótese nula – Não há diferenças.

De Par em Par na U.Porto: Amostra

- As fichas recolhidas, pese embora não coincidam na distribuição dos observadores e dos observados, obtiveram na distribuição pela variável Unidade orgânica valores que não comprometem a validade da amostra nas duas variáveis independentes que passaremos a considerar: a Unidade Orgânica e o género dos observadores e dos observados.
- Estes dados foram ainda ratificados pela análise comparativa à posteriori dos dados das variáveis independentes, que permitiram constatar não haver diferenças entre os scores dos observadores em resultado da sua condição de género. Igualmente a pertença do observador à mesma ou a diferente Unidade Orgânica do observado não constituiu elemento diferenciador dos scores atribuídos, o que significa que não houve endogamia nas observações realizadas.
- Igualmente também a ordem das observações realizadas não foi, no seu conjunto, factor de diferenciação. Isto é: entre a primeira ($N=51$) e a segunda observação ($N=44$) realizada pelo conjunto dos observadores não se registaram diferenças significativas nos scores atribuídos, o que indica que não parece ter existido nem maior benevolência, nem maior exigência na apreciação dos itens observados.

De Par em Par na U.Porto: Dados da observação

- Como anteriormente foi explicitado a grelha de observações encontrava-se organizada na parte que diz respeito à apreciação quantitativa em 5 grandes categorias, a saber: Organização; Exposição; Clima de Turma; Conteúdo e Consciência e Flexibilidade. É essa ordem que seguiremos na apresentação dos resultados.

17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(6)

Organização

Descriptive Statistics						
	N	Min	Max	Mean	Std. Deviation	
[Começa por sumariar brevemente o ponto de chegada da aula anterior]	95	1	5	4,58	,715	
[Identifica no início os principais objectivos da aula]	95	1	5	4,61	,662	
[Organiza a aula de maneira que a relação entre os objectivos e as actividades seja clara]	95	1	5	4,43	,712	
[Usa bem o tempo, realçando o que é mais importante e evitando digressões desnecessárias]	95	1	5	4,63	,624	
[Fechá a aula com a discussão do trabalho realizado e/ou futuro]	95	1	5	4,33	,924	
Valid N (listwise)	95					

17-06-2011

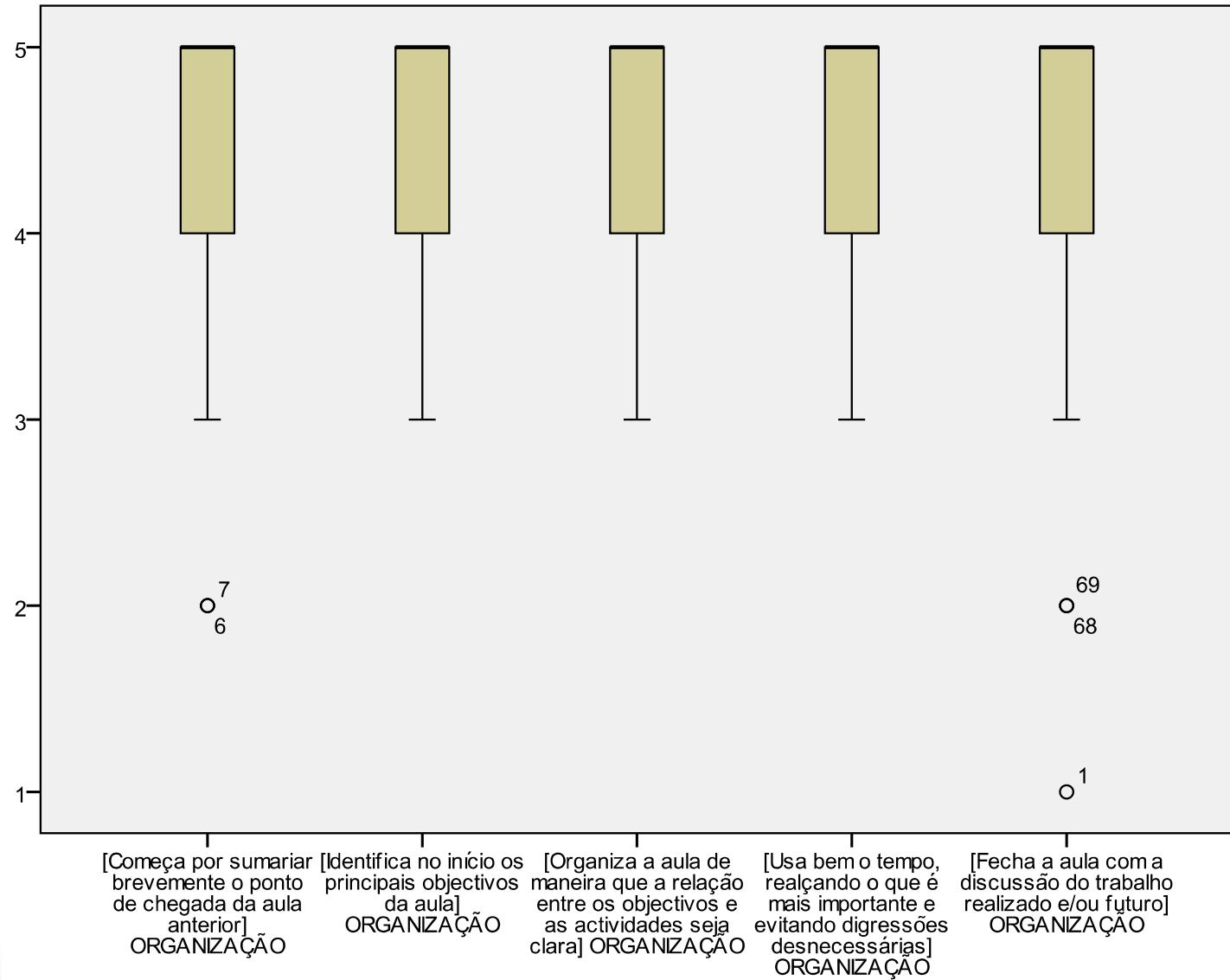
De Par em Par na U.Porto

{ 7 }

Organização

- O valor das medidas de tendência central é elevado: a mediana atingem o valor máximo em três dos cinco itens analisados. Os dois itens em que o valor médio é mais elevado são os relativos à identificação inicial dos objectivos e à gestão do tempo (4.61 e 4.63 respectivamente). Foram também esses itens em que os desvios padrão foram menos elevados – isto é, onde se verificou uma menor dispersão de scores atribuídos.
- Nenhuma das variáveis independentes considerada – o género do observado e a pertença à mesma ou a outra Unidade orgânica constituiu elemento explicativo para as variâncias de scores atribuídos pelos observadores.
- Contudo uma análise discriminante do score “não aplicável” permitiu concluir que no item 1 e 3 são as mulheres a quem o critério foi menos aplicável

Organização



17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

9

Exposição

Descriptive Statistics					
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
[Fala de forma perceptível, com volume suficiente e velocidade adequada] EXPOSIÇÃO	93	3	5	4,56	,616
[Usa lembretes de forma sóbria] EXPOSIÇÃO	62	2	5	4,47	,762
[Tem contacto visual com os estudantes ao longo da sala] EXPOSIÇÃO	93	2	5	4,51	,746
[Move-se pela sala e usa gestos e movimentos corporais adequadamente] EXPOSIÇÃO	85	2	5	4,21	,860
[Usa de forma efectiva o quadro, o projector, material de apoio (e.g. textos) e audio-visuais] EXPOSIÇÃO	87	2	5	4,44	,694
Valid N (listwise)	58				

17-06-2011

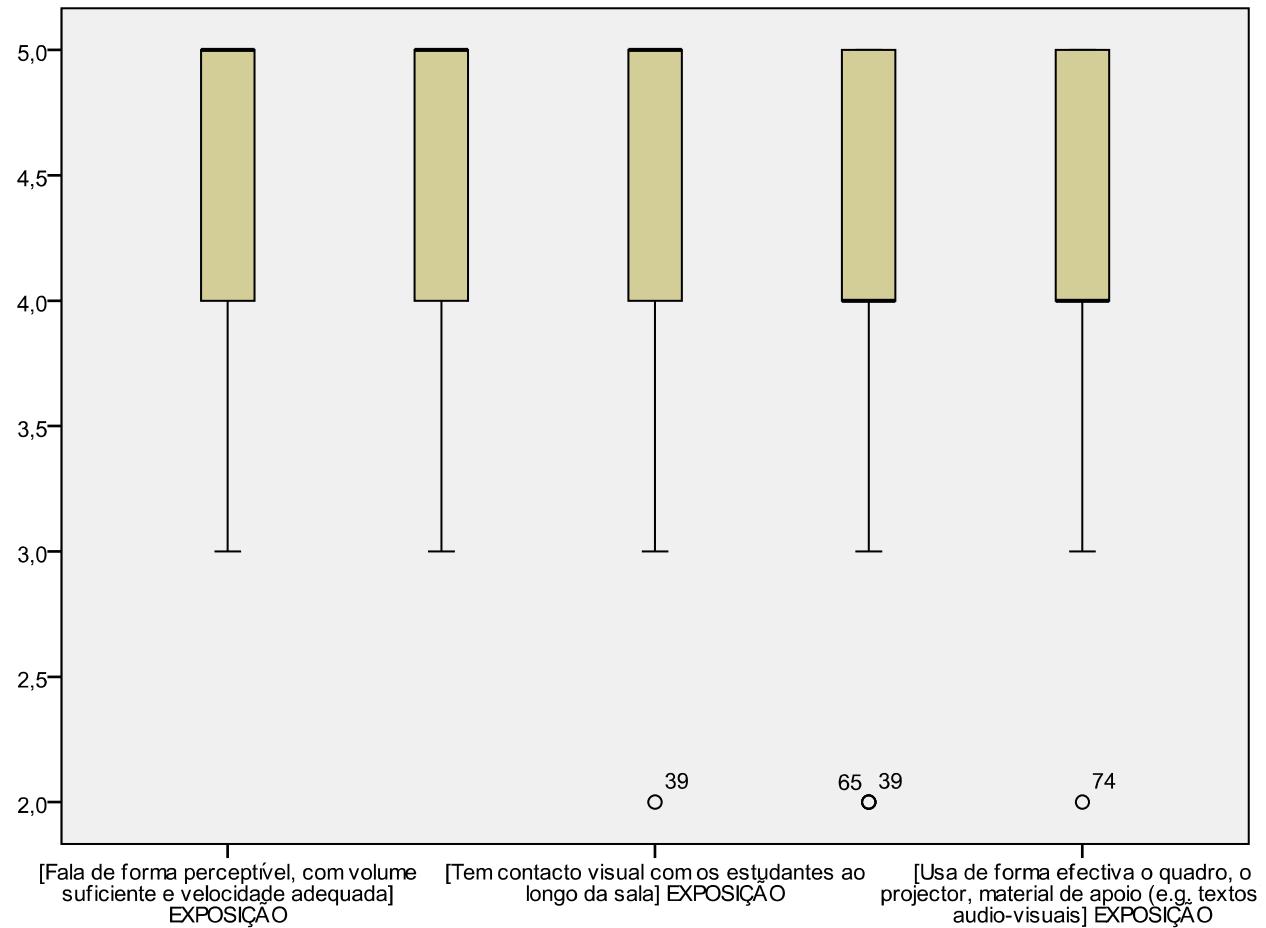
De Par em Par na U.Porto

{ 10 }

Exposição

- Constata-se um valor mais elevado nos itens 1 “fala de forma perceptível, com volume suficiente e velocidade adequada” e 3, relativo ao contacto visual mantido com os estudantes.
- O valor médio mais baixos obtido (que é todavia acima do 4) acontece no item relativo ao movimento do professor pela sala.
- Constata-se uma valor muito elevado de respostas “não aplicável” associadas aos dois itens sobre a utilização de lembretes e acerca do movimento dos professores pela sala.
- O epíteto “não aplicável” foi mais vezes atribuído nestes dois itens quando os observados eram mulheres. A mesma apreciação também surgiu mais vezes nos registos preenchidos pelos observadores de outra Unidade Orgânica, do que entre os que pertenciam à mesma.

Exposição



17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

Clima de Turma

Descriptive Statistics					
	N	Min	Max	Mean	Std. Deviation
[Encoraja uma atmosfera positiva de respeito mútuo]	95	1	5	4,45	,798
[Mostra entusiasmo pelo assunto da aula e faz os estudantes quererem aprender]	95	3	5	4,65	,579
[Encoraja e é responsável à participação dos estudantes]	95	2	5	4,47	,727
[Faz notar ou aprecia a compreensão de conceitos ou mestria de habilidades dos estudantes]	95	2	5	4,27	,789
Valid N (listwise)	95				

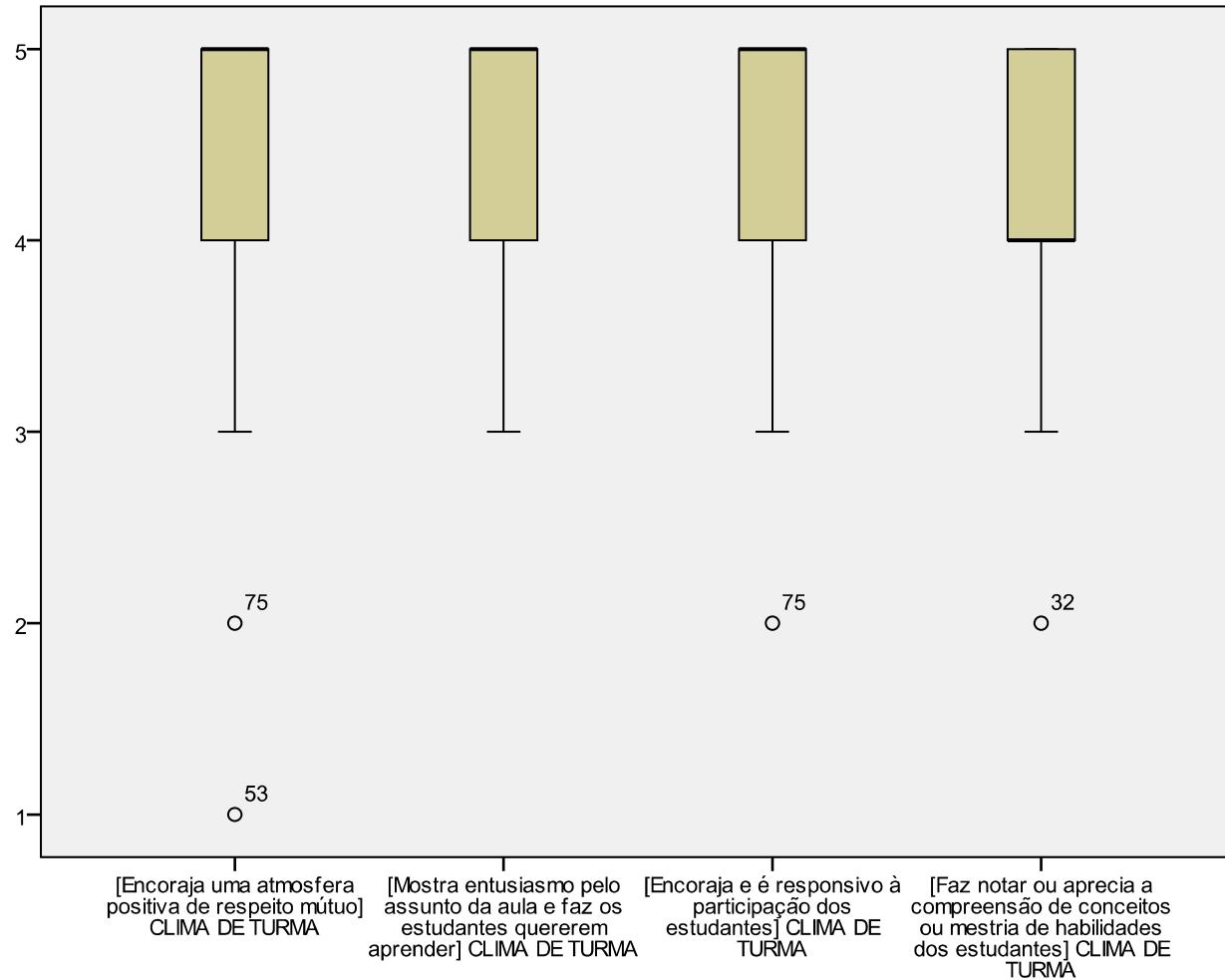
17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

Clima de Turma

- Constat-se que o valor médio mais elevado ocorre no item 2. O mesmo item é aquele onde se verifica um valor mais baixo do desvio padrão.
- A média mais baixa foi obtida no item 4, relativo à “apreciação da compreensão de conceitos ou mestria de habilidades dos estudantes”.
- Neste item encontraram-se distribuições assimétricas do não aplicável quando cruzadas com o género dos observados (foram de novo as mulheres observadas que registaram um nº mais elevado de “não aplicável”) e com os observadores oriundos de outra Unidade orgânica.

Clima de Turma



17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(15)

Conteúdo

	Descriptive Statistics				
	N	Minimum	Maximum	Mean	Std. Deviation
[Mostra que domina a matéria e/ou as competências a desenvolver]	95	4	5	4,87	,335
[Cria expectativas que são simultaneamente razoáveis e desafiadoras]	95	2	5	4,47	,660
[Encoraja o pensamento independente, crítico ou reflexivo]	95	2	5	4,38	,784
Valid N (listwise)	95				

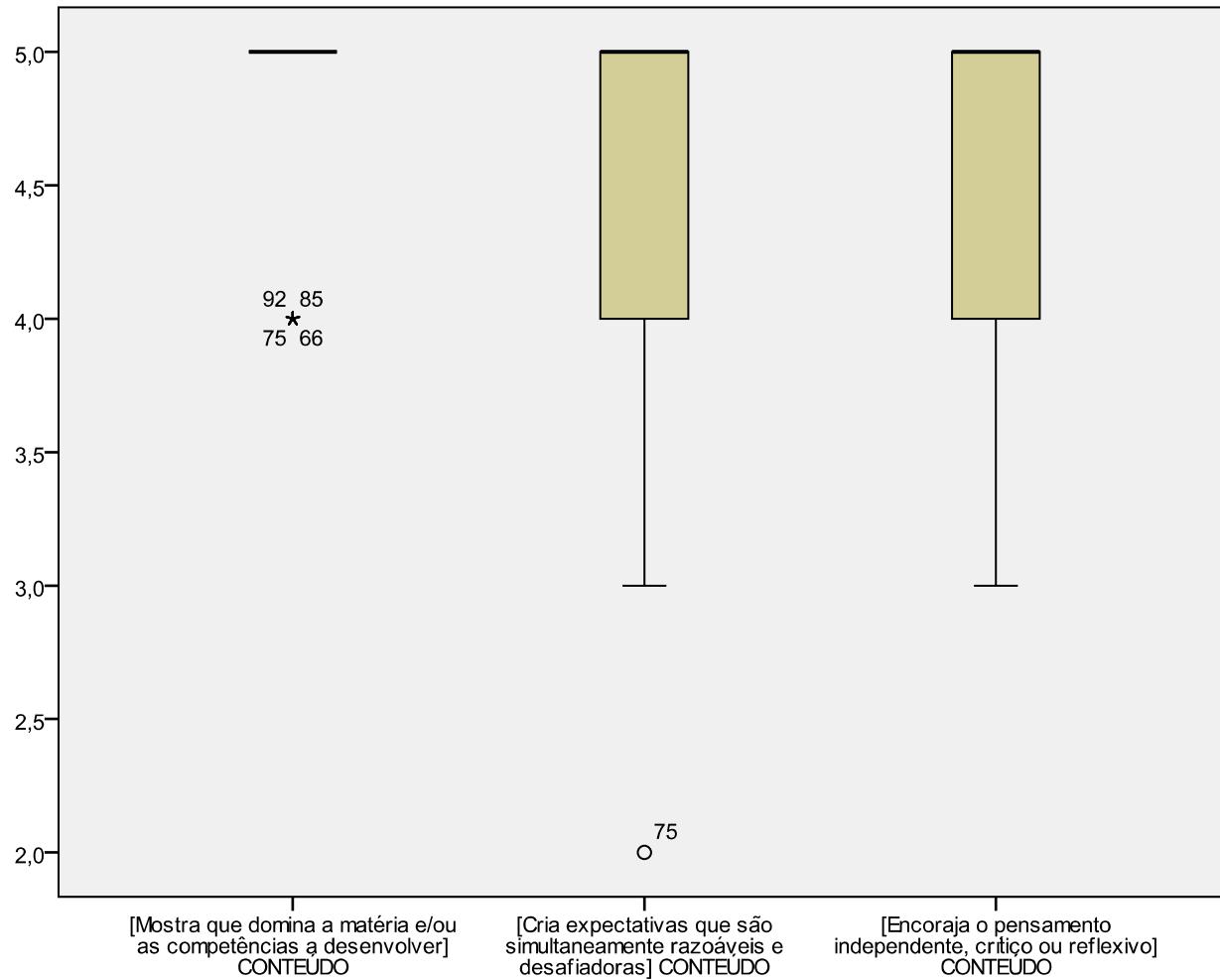
17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

Conteúdo

- A tendência no grupo de itens que estão incluídos na dimensão do conteúdo é a de valorizar o domínio da matéria evidenciado pelo professor na situação de aula. Essa dominância é também visível na menor dispersão e na proximidade do valor da média quando comparado com o valor da mediana.
- Os aspectos associados ao interesse dos conteúdos aparecem em segundo lugar e a promoção do pensamento dos estudantes fica na terceira posição com valores mais modestos.
- Este item é também aquele que diferencia estatisticamente e de modo significativo os sujeitos observados do género feminino dos seus pares do género masculino. Com efeito, é às mulheres a quem se reconhece mais evidências demonstrativas do domínio do conteúdo dos conhecimentos veiculados nas aulas. ($t= 2.15$ para um $p<0.05$)
- O item “Encoraja o pensamento independente, crítico ou reflexivo” foi considerado não aplicável em 14 registos, sendo que 11 diziam respeito a observadas do género feminino.

Conteúdo



17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

(18)

Consciência e flexibilidade

	Descriptive Statistics				
	N	Min	Max	Mean	Std. Deviation
[Comunica efectivamente ao nível dos estudantes particulares envolvidos]	95	3	5	4,61	,608
[Pergunta ou usa outras estratégias para confirmar a compreensão do estudante]	95	3	5	4,46	,669
[Muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada]	95	2	5	4,53	,680
Valid N (listwise)	95				

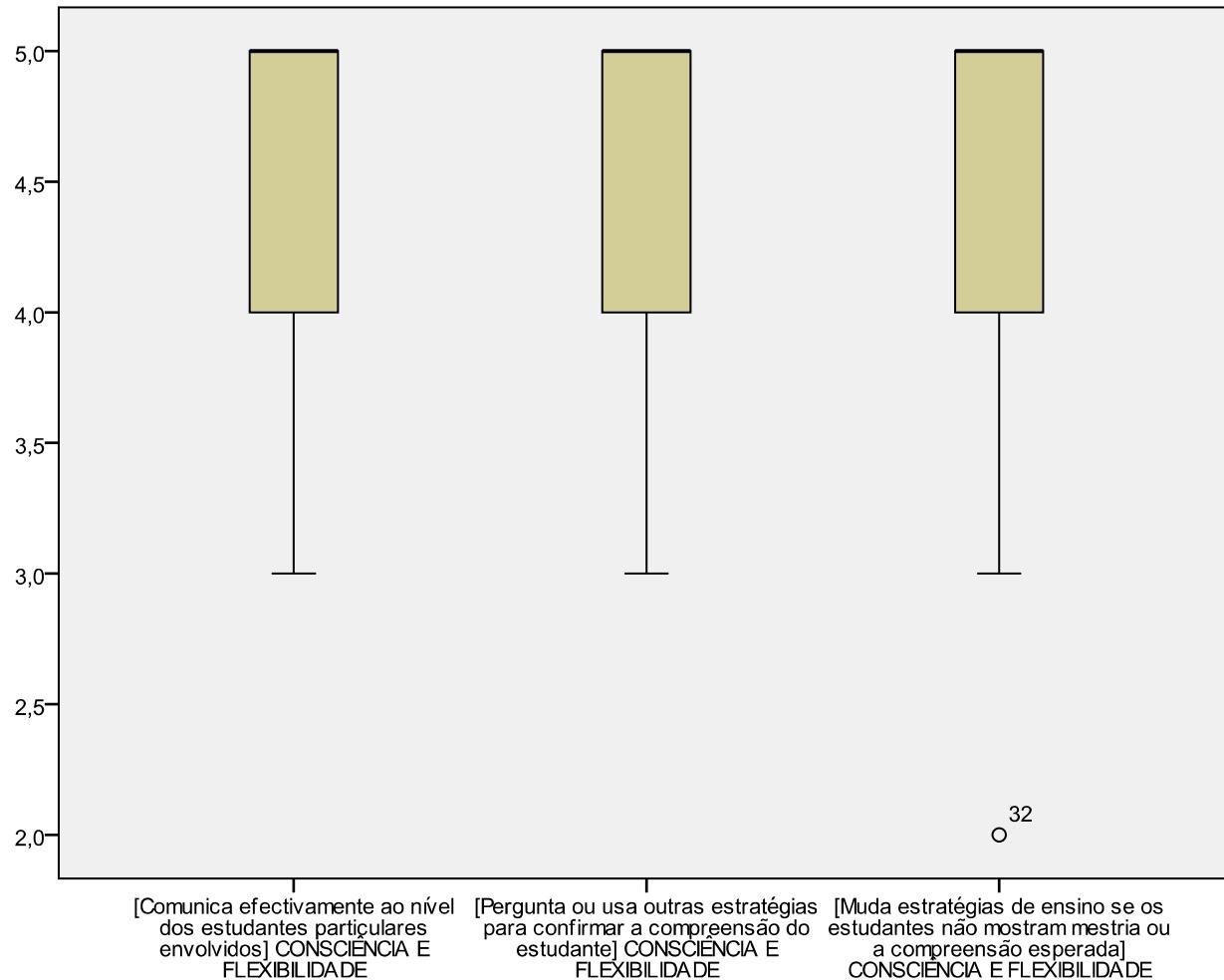
17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

Consciência e flexibilidade

- Nesta dimensão, a da consciência e da flexibilidade, constata-se que o itens relativo à maior preocupação do professor em atender à diversidade e especificidade dos estudantes se sobrepõe ao uso de estratégias de avaliação de acompanhamento como à adopção de estratégias diferentes adoptadas em resultado da constatação de um menor resultado de maestria ou compreensão evidenciado pelos estudantes.
- “Muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada” foi um item considerado inaplicável em 46 fichas. Também neste item foram observadas do género feminino que receberam mais vezes esta apreciação e neste caso particular a diferença é significativa.

Consciência e flexibilidade



17-06-2011

De Par em Par na U.Porto

Conclusões

- 1- Só há diferenças significativas dos valores médios no item 1 do conteúdo “mostra que domina bem a matéria” e essa diferença é favorável aos sujeitos observados do género feminino.
- 2 – A tendência geral dos scores é o de valorizar a existência de evidências que vão no sentido do reconhecimento do cumprimento bom e total dos itens- por isso os incumprimentos são mínimos.
- 3 - A atribuição do score “não aplicável” é maior nos dois itens seguintes: usa notas de forma sóbria (dimensão – exposição) e muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada. Embora não seja estatisticamente significativa porque os números são baixos parece existir uma maior tendência de considerar que se trata de um item não aplicável quando as observações são feitas por pessoas de outras Unidades Orgânicas. Apesar de haver mais observados do género feminino a quem foi colocado o score correspondente ao não aplicável, tal diferença é significativa apenas no último item da dimensão 4 – “Muda estratégias de ensino se os estudantes não mostram mestria ou a compreensão esperada”.

“DE PAR EM PAR”

Amélia Lopes [FPCEUP]

Algumas ideias sobre o uso da
Observação de Pares

(Peer Observation of Teaching – POT)

2011-06-17

Reitoria da Universidade do Porto

Observação de Pares

Peer Observation of Teaching (POT)

Why?

- From a “teacher-focused conception with a content-centered approach” to a “student-focused conception with a learning-centered approach”

(Bell and Mladenovic, 2008, p. 735)

- POT: *Quality Assurance* or *Quality Enhancement*

(Swinglehurst, Russell, & Greenhalgh, 2008)

How?

- Gosling (2002, 2005) distinguishes 3 models of POT, according to the observer objectives and position:

The *evaluation model*

The *professional development model*

The *peer-review model*

Why the Peer Review model?

- POT always generates a threat (Shortland, 2004).
- When used for management control and assessment of performance, that threat will not only be increased, but it will also prevent any of the individual benefits that were previously outlined (Peel, 2005).
- POT is a “continuous process of transforming personal meaning” (Peel, 2005, p. 489), which ensures consolidated transformations in the participants’ perspectives on teaching and learning, instead of just small changes in specific aspects of their performance.

Defining POT according to Peer Review model

- A collaborative, development activity in which professionals offer mutual support by
 - observing each other teaching;
 - explaining and discussing what was observed;
 - sharing ideas about teaching;
 - gathering student feedback on teaching effectiveness;
 - reflecting on understandings, feelings, actions and feedback;
 - and trying out new ideas.

(Bell, 2005, p. 3 as cited in Bell & Mladenovic, 2008, p. 736)

To ensure a satisfactory POT experience

- freedom of choosing to participate in POT;
- freedom of choosing the observer;
- freedom of choosing the observation focus;
- freedom of choosing the methods and means of providing feedback;
- having control over the use of the observation results and over what will take place after the observation.

(McMahon, Barret, and O' Neill, 2007)

Minimal conditions to ensure a satisfactory POT experience

- voluntary nature of POT
- non-judgmental constructive nature of the feedback offered to the observed teachers
- balance between observer and observed:
it is not just a vital aspect of satisfactory power control – it also plays a crucial role in enabling the benefits of POT.

(Peel, 2005; Shortland, 2004)

Multidisciplinary POT

- The organizational culture of the university, the faculty and the department is felt in the didactic practices (Knight and Trowler, 2000)
- This impregnation of local cultures into the lecturing practices, make it preferable to choose participants belonging to the same disciplinary area (Knight & Trowler, 2000; Clark et al., 2002 as cited in Weller, 2009)
- The emphasis on mutual trusting between observer and observed, sharing a common context, has recently been questioned (Hammersley-Fletcher and Orsmond, 2005)

Multidisciplinary POT to promote interdisciplinarity

- Interdisciplinarity (the move from a disciplinary framework to an interdisciplinary one) is one of the greatest challenges the universities face today.

(Franks et al., 2007)

- A multidisciplinary POT model would be beneficial to the extent that
 - it encourages teachers from different faculties and departments to communicate with one another, maintaining the atmosphere of sharing and mutual learning.

“In order to work successfully across their disciplinary boundaries, engineers and educators need to find ways to identify, explore, and negotiate those differences. Collaboration is likely to be strengthened when engineering and education partners acknowledge the complexity of their different ways of knowing, and are open to the potential for both generic and disciplinary specific forms of teaching and learning”.

(Winberg, 2008, p. 365)

References

- Bell, A., & Mladenovic, R. (2008). The benefits of peer observation of teaching for tutor development. *Higher Education*, 55(6), 735-752.
- Franks, et al. (2007). Interdisciplinary foundations: Reflecting on interdisciplinarity and three decades of teaching and research at Griffith University, Australia. *Studies in Higher Education*, 32(2), 167-185.
- Gosling, D. (2002). *Models of peer observation of teaching*. Retrieved October 27, 2010, from http://www.heacademy.ac.uk/assets/York/documents/resources/resourcedatabase/id200_Models_of_Peer_Observation_of_Teaching.rtf
- Gosling, D. (2005). *Peer observation of teaching*. Birmingham, WM: SEDA.
- Hammersley- Fletcher, L., & Orsmond, P. (2005). Reflecting on reflective practices within peer observation. *Studies in Higher education*, 30(2) 213-224.
- Knight, P., & Trowler, P. (2000). Departmental-level cultures and the improvement of learning and teaching. *Studies in Higher Education*, 25(1), 69-83.
- McMahon, T., Barrett, T., & O'Neill, G. (2007). Using observation of teaching to improve quality: Finding your way through the muddle of competing conceptions, confusion of practice and mutually exclusive intentions. *Teaching in Higher Education*, 12(4), 499-511.
- Peel, D. (2005). Peer observation as a transformatory tool? *Teaching in Higher Education*, 10(4), 489-504.
- Shortland, S. (2004). Peer observation: A tool for staff development or compliance. *Journal of Further and Higher Education*, 28(2), 219-228.
- Swinglehurst, D., Russell, J., & Greenhalgh, T. (2008). Peer observation of teaching in the online environment: An action research approach. *Journal of Computer Assisted Learning*, 24(5), 383-393.
- Weller, S. (2009). What does “peer” mean in teaching observation for the professional development of higher education lecturers? *International Journal of Teaching and Learning in Higher Education*, 21(1), 25-3.
- Winberg, C. (2008). Teaching engineering/engineering teaching: Interdisciplinary collaboration and the construction of academic identities. *Teaching in Higher Education*, 13(13), 353-367.

Participantes

Maria Paula Maia Santos, professora auxiliar
Susana Maria Soares Ribeiro, professora auxiliar
Curso de licenciatura (1º Ciclo) em Ciências do Desporto

O que aprenderam ?

A participação no programa de observação de aulas em parceria permitiu partilhar perspectivas de ensino-aprendizagem, colocando em evidência semelhanças e diferenças didácticas.

Implicações sobre a prática docente

Nas reuniões pós-observação foram apontadas algumas sugestões de estratégias a serem incorporadas na rotina dos docentes observados. O efeito prático real das observações sobre a prática docente só seria possível com uma repetição das observações após as estratégias sugeridas terem sido incorporadas.

Sugestões para edições futuras

A grelha de observação necessita de uma revisão profunda. Há excessivos critérios subjetivos, que não são ajustáveis aos contextos de ensino-aprendizagem específico de cada UO. Existem 6 níveis de resposta (não cumpre a não aplicável) não balizados, o que obriga os avaliadores a decidirem, a ajuizarem. Apenas os extremos não levantam problemas, porque se reportam ao fazer sempre bem e ao fazer sempre mal. Este problema foi comprovado nas reuniões pós-avaliação. Na FADEUP, os conteúdos práticos e os espaços onde as aulas decorreram (piscina, pavilhão) obrigaram a um esforço maior por parte das observadoras e dificultaram o ajustamento da observação a alguns parâmetros da grelha de avaliação.

Participantes

Eulália Pereira – Dep.Química e Bioquímica- Estrutura e Reatividade em QI 1º
Ana Aguiar – Dep.Geologia Ambiente e Ordenamento do Território- Agric.Biológ.3º
Mª José Feio – Dep. Química e Bioquímica- Quím.Bioinorgânica 2º
Manuel Joaquim Marques – Dep. Física e Astronomia- Lab. Instrumentação I 2º

Aprendizagens mais relevantes

Destacamos a utilização de novas tecnologias de e- learning e as estratégias encontradas para envolver os estudantes e os motivar à participação nas aulas. Comparando os nossos estudantes com os das outras UO, não notamos nenhuma diferença relativamente aos da FFUP, mas encontramos nos da FLUP uma muito maior diversidade cultural e etária.

Implicações sobre a prática docente

É unanime a opinião de que todas as aulas assistidas, pelo facto de serem lecionadas por docentes voluntários e interessados, foram “boas aulas”! Esta experiência levou-nos a refletir e repensar alguns aspetos de que só nos apercebemos estando do “outro lado”.

Sugestões para edições futuras

Apesar de algumas dificuldades de agendamento que possam surgir a experiência seria muito mais enriquecedora se cada elemento do quarteto assistisse a aulas de todos os outros elementos.

Divulgar uma futura edição com mais antecedência, promovendo uma reunião inicial dentro da UO com os participantes nesta experiência.

Elaborar grelhas distintas conforme o tipo de aulas: teóricas, teórico – práticas ou práticas.

Participantes

Participaram 12 docentes, pertencentes às 4 grandes áreas disciplinares da FEP: Economia, Gestão, Matemática e Informática, Ciências Sociais.

As unidades curriculares que foram observadas cobriram todos os 3 anos das 2 Licenciaturas da FEP: Economia e Gestão.

O que aprenderam ?

A generalidade dos docentes aprendeu vários elementos úteis, entre os quais se destacam: meios para melhorar a apresentação da matéria e a comunicação com os estudantes (técnicas de apresentação, cuidados com a elaboração de diapositivos, conhecimento e utilização do nome dos estudantes, ...); as dificuldades no ensino são transversais às diversas áreas; o contacto com colegas que não eram conhecidos é um veículo de aprendizagem; a participação no programa ajuda a rever todo o nosso comportamento enquanto docentes.

Como diferença mais marcante face às outras UOs foi notada mais a disparidade de conteúdos, e não tanto os métodos utilizados.

Implicações sobre a prática docente

A generalidade dos docentes apontou os seguintes elementos: melhorar os aspetos menos positivos detetados durante a observação; maior dinâmica de aula, por via a aumentar o interesse e a participação dos estudantes; aperfeiçoar as técnicas de exposição (presença na sala, comunicação com os estudantes, melhorar diapositivos, complementar diapositivos com exemplos / explicações que não constem destes); maior confiança na prática docente, o que possibilita maior inovação.

Sugestões para edições futuras

Tornar o inquérito online disponível desde o início, evitando o duplo preenchimento das grelhas de observação.

Calendarizar as observações com maior antecedência, por forma a evitar a observação de aulas atípicas.

Ponderar alguns itens da grelha de observação que suscitaram dúvidas face ao significado e aplicabilidade em certos contextos: D-3 (encorajar pensamento crítico) e E-3 (mudar de estratégia de ensino).

A interação com os participantes no quarteto foi muito positiva e agradável.

Um dos participantes é da opinião que as observações deveriam ser entre áreas próximas.

Participantes

Participaram no projeto “De Par em Par na U.Porto” 8 docentes (4 pares) da FFUP de 5 Laboratórios diferentes, o que abrangeu um conjunto variado de disciplinas do Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas (MICF) de todos os anos e também do Mestrado em Controlo de Qualidade (MCQ).

Carmen Diniz – Anatomia e Histologia / Isabel Ferreira – Controlo Sensorial

Emília Sousa – Química Farmacêutica I / Fernando Remião – Toxicologia Mecanística

Helena Carmo – Toxicologia Mecanística / Manuela Morato – Fisiopatologia e Farmacoterapia I

Jorge Oliveira – Farmacologia I / Maria São José Nascimento – Virologia

O que aprenderam ?

Foi consensual entre os docentes que integraram este projeto que a experiência foi enriquecedora, pois, permitiu-lhes comparar práticas pedagógicas realizadas na sua UO e na outra em que foram observadores.

Os docentes que assistiram às aulas da FMDUP deram ênfase à sua aplicação a casos práticos, inclusive com aulas apresentadas em videoconferência, seguidas de uma discussão muito activa entre o professor e os estudantes visando os temas abordados. Os docentes que participaram nas observações das aulas ministradas na FEUP e FEP referiram a utilização frequente do quadro, e o uso de notas pessoais durante a aula, como as principais diferenças em relação às aulas na FFUP. O PowerPoint, por vezes com recurso a vídeos, foi referido como meio audiovisual mais usado na FFUP. Um dos docentes que participou na observação de aulas na FCUP realçou a forma como o docente por ele observado estimulou o pensamento crítico dos alunos, e o modo como os “desafiou” na resolução dos problemas. Estratégia que também utiliza nas suas aulas laboratoriais.

Implicações sobre a prática docente

Os docentes referem que os comentários feitos pelos observadores foram, na sua maioria, de encontro ao que eles próprios já esperavam. No entanto, foi importante ouvir esses comentários sob a forma de crítica, por sentirem interesse e sinceridade nos colegas observadores, tendo, em muitos casos, correspondido à sua própria auto-avaliação.

Alguns docentes referem que passaram a usar o quadro com mais frequência, enquanto que outros optaram por ter mais cuidado com a terminologia utilizada. Vários outros docentes propuseram-se ainda, a incluir mais casos práticos nas suas aulas, por considerarem ser uma das vertentes mais interessantes para a aprendizagem dos alunos.

Sugestões para edições futuras

Alguns docentes mencionaram que a grelha de avaliação usada necessitava de ser reformulada, porque se apresentava mais adequada a ser aplicada nas aulas práticas do que nas aulas magistrais. Em futuras edições, sugere-se a organização de grupos, de acordo com o tipo de aula a ser avaliado (teórica, prática ou laboratorial), pois que, os docentes que lecionam aulas de índole teórica e de trabalhos práticos laboratoriais, não se sentiram motivados para as aulas de componente prática de resolução de problemas, e consideraram que teria sido mais proveitoso, observar o tipo de aulas que habitualmente lecionam.

Participantes

2 docentes, ambas Prof. Assoc. na FMUP

Aulas leccionadas pelas docentes/aulas observadas:

- “Organização Tecidual”, UC Biologia Celular e Molecular II, 1º ano do Mestrado Integrado em Medicina
- “Embriologia Urogenital”, UC Histologia e Embriologia dos Órgãos e Sistemas, 2º ano do Mestrado Integrado em Medicina

O que aprenderam ?

- O modo de ensino é (e deverá ser) adaptado aos conteúdos programados
- Ao estar na posição de Observador(a) houve a percepção de vários aspectos não percepcionados enquanto docente (ruídos de fundo, hábitos e motivações dos estudantes)
- A análise, discussão e reflexão das práticas de ensino é essencial para a melhoria dos aspectos menos conseguidos do ensino

Implicações sobre a prática docente

- Adopção de estratégias de ensino diferentes/inovadoras (utilizadas pelos docentes Observados com bons resultados)

Sugestões para edições futuras

- Agrupar quartetos de acordo com semelhança dos conteúdos veiculados nas UC's a analisar
- Divulgar o Projecto nas UO's como forma de promover a *lifelong learning*, a melhoria das competências pedagógicas, a qualidade do ensino e o sucesso da aprendizagem
- Promover a participação de docentes cujas UC's têm elevada taxa de insucesso e/ou docentes com avaliação de desempenho ‘baixo’
- Estimular a participação de docentes menos experientes/mais jovens em programas desta natureza, uma vez que estes poderão beneficiar mais com a experiência.
- A análise e reflexão sobre práticas de ensino, a discussão sobre os aspectos menos conseguidos e a partilha de boas práticas poderá ser mais profícua com peritos das Ciências da Educação